

# Aula 2

## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

**Maria Neide Sobral  
Flora Alves Ruiz**

### 1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

TEXTO BÁSICO:

ATENÇÃO!

Leia o texto acompanhando a trajetória da Educação a Distância desde suas origens até os dias atuais.

#### EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM PANORAMA

Florisvaldo Silva Rocha

#### ITINERÁRIOS DA EDUCAÇÃO NÃO PRESENCIAL

Qualquer discussão sobre educação precisa considerar o fato de ela estar ligada à dimensão espaço-temporal dos povos e, portanto, intimamente envolvida com as suas culturas. A educação, como afirma Sanvisens, é “um fato humano, social, cultural e comunicativo” (SANVISENS apud PRETI, 2000, p.18). Considera-se, neste caso, que a educação é desenvolvida a partir de formas específicas que o homem tem de ver, traduzir, produzir e reproduzir o mundo à sua volta, junto com os outros sujeitos e através da comunicação.

O espaço e o tempo de educar, as formas e os conteúdos específicos, entre outros aspectos relevantes do processo são definidos com base na

Cultura. Se na Antiguidade detectamos a figura do pedagogo inserida numa educação com características para se viver a polis ou a guerra, na Idade Média encontramos os monastérios como centros de uma educação desenvolvida no sentido de um pensamento dogmático e obviamente, reprodutivista do ideário da Igreja como instituição de poder. Em ambos os casos, a educação foi definida pelas relações culturais de tempo, espaço e poder.

Na Modernidade, por sua vez, com o pensamento científico triunfando so-



Escola catedral, iluminura italiana (Biblioteca Angélica, Roma)  
<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/modelos/images/index2.jpg>

bre o dogmático, a educação foi, aos poucos, assumindo novos aspectos e novas funções cada vez mais distantes dos objetivos da Igreja e cada vez mais voltados aos interesses da Ciência. Saber ler e escrever, por exemplo, exigência dispensável à grande maioria das pessoas na educação das Idades Antiga e Média, passou a ser ferramenta indispensável para se poder traduzir/produzir/reproduzir o que as experimentações e as pesquisas faziam nascer com a Modernidade, fundada numa racionalidade cartesiana.

Assumindo características próprias à objetivação da Ciência como pensamento corrente, a educação tal qual escolarização tornou-se uma necessidade da população e passou a ser uma condição importante para fazer valer a igualdade social. Tanto que, desde o início da Modernidade, os parlamentos - e os parlamentares - têm-na elencado como uma das principais metas de qualquer regime e/ou governos, procurando discutir sempre em favor da ampliação do seu acesso e da melhoria da sua qualidade, mesmo que, em muitos casos, não se consiga pôr em prática. Porém, toda esta transformação, séculos a fio, ainda não havia alterado a relação presencial entre professor e alunos, mantendo ambos nos mesmos espaço e tempo de ensinar e aprender.

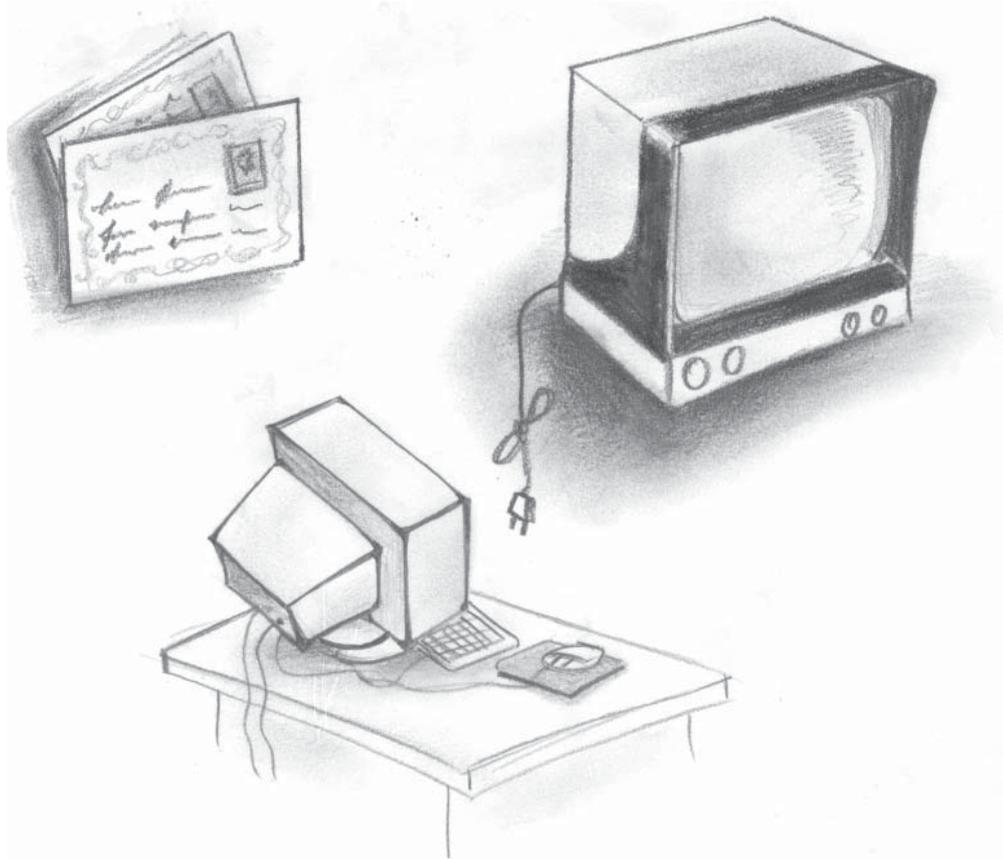
Em todo o mundo, a crescente demanda por escolarização nos últimos dois séculos, e principalmente na segunda metade do séc. XX, diante de condições que dificultam ou impedem a relação presencial (condições geográficas adversas, relacionadas à baixa densidade demográfica ou outro fator que dificulte o acesso aos espaços de ensino), fizeram com que, aos poucos, a EaD (Educação a Distância) fosse assumida, também, como uma modalidade de ensinar e de aprender, como meio de educação. Tudo isso, é claro, fundamentado na idéia de que o homem pode aprender através dos meios de comunicação disponíveis nas estruturas sociais, revolucionando, assim, a relação espaço/tempo entre professores e alunos. “O caminho para a EaD, então, estava aberto quando os primeiros homens começaram a aprender diretamente do texto escrito e não diretamente do professor” (BORDENAVE, 1987, p.14). Pode-se afirmar, seguramente, que a invenção da imprensa por Gutenberg, em 1453, contribuiu bastante para essa percepção.

## PRIMEIRAS REFERÊNCIAS

Foram encontradas referências à EaD no século XVIII, em Boston, e no início do século XIX, na Suécia e na Inglaterra, mas as primeiras ações institucionalizadas de EaD foram registradas a partir da segunda metade do século XIX.

Em 1856, em Berlim, por iniciativa de Charles Toussaint e Gustav Langenscheidt, foi criada a primeira escola de línguas por correspondência. Posteriormente, em 1873, em Boston, Anna Eliot Ticknor fundou a Society

to Encourage Study at Home. Em 1891, Thomas J. Foster, em Scarnton, (Pennsylvania), iniciou, com um curso sobre medidas de segurança no trabalho de mineração, o International Correspondence Institute. (SARAIVA, 1996, p.18)



A evolução dos meios de comunicação permitiu o surgimento do ensino não-presencial.

No fim do século XIX, muitas outras experiências foram registradas nos Estados Unidos, na Universidade de Wisconsin, em 1891, também em Chicago, em 1892, e nos anos de 1894 e 1895, em Oxford, e na Suécia, foi fundado o famoso Instituto Hermod, em 1898.

No século XX, observa-se a continuação desse processo de expansão de EaD pelo mundo, potencializado pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos serviços postais (correspondência, correio terrestre e aéreo, telégrafo, fax e hoje telefonia e correio eletrônico), graças à agilização dos meios de transporte e o crescente desenvolvimento tecnológico no campo da comunicação e da informação. Tudo isso foi decisivo nos destinos da EaD no mundo e particularmente nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como o Brasil, promovendo seu crescimento quantitativo a priori e qualitativo a posteriori, como aponta Saraiva,

Observa-se um notável crescimento quantitativo. Aumenta o número de países, de instituições, de cursos, de alunos, de estudos. Em segundo lugar,

há uma significativa alteração qualitativa: novas metodologias e técnicas são incorporadas, novos e mais complexos cursos são desenvolvidos, novos horizontes abrem-se para a utilização da educação a distância.

Hoje, como base de uma nova ordem mundial, tem-se um processo de globalização articulado num contexto político neoliberal, no qual o que mais importa é a competitividade, a qualidade total, o gerenciamento eficaz e eficiente dos recursos visando ao aumento da produtividade. Neste contexto, a educação tem sido chamada a dar respostas aos grandes desafios que enfrentamos e a EaD, em razão de uma maior sistematização, em função do aperfeiçoamento dos processos de comunicação social (escrita, imprensa, cinema, rádio, televisão, vídeo, computador, internet, etc.) e, pelo caráter de inovação e avanço tecnológico, encontra aí o ambiente favorável à sua proliferação, sendo considerada por muitos uma grande aliada do sistema de ensino e aprendizagem. Diz Preti,

A educação à distância, por sua flexibilidade e economia de escala, tem sido chamada para dar uma resposta aos desafios político-social, econômico, pedagógico e tecnológico, postos à sociedade com a implantação do programa neoliberal, a globalização da economia e a introdução das novas tecnologias no sistema produtivo e de comunicação. (2000, p.17).

Com um modelo escolar em crise, principalmente a escola pública, ajudando a complementar um ambiente propício à consolidação da EaD como modalidade de ensino, as resistências e os preconceitos a esta modalidade vem sucumbindo. Isso, talvez, porque a necessidade da presencialidade do professor e do aluno num mesmo lugar, sendo aquele o único agente educador, “[...] vem do tempo em que a palavra, o gesto e o desenho eram os únicos meios de comunicação disponíveis” (BORDENAVE, 1987, p.13).

Para se ter uma idéia, na América Latina, segundo estudos realizados pelo professor de Teoria e Política Educacional e pesquisador da Pennsylvania State University, Henry C. Johnson, nos anos 60 e 70 do século XX, as redes locais de EaD aos poucos se expandiram e lentamente se integraram umas às outras. No final dos anos 80, as mudanças mais significativas ocorreram, ampliando a noção de ensino e, com isso, os níveis e as aplicações da EaD. Diz Johnson,

[...] enquanto em décadas anteriores a educação a distância significava sobretudo uma cópia do papel da universidade tradicional, ela agora funciona numa grande extensão de níveis e aplicações e serve a um grande número de agências: treinamento técnico no comércio e nas profissões, serviços diretos para empreendimentos comerciais e órgãos governamentais, e melhoria qualitativa muito além do simples desenvolvimento de habilidade nas profissões.(1996, p. 101).

O crescente uso, pela humanidade, do texto escrito, aliado à expansão dos sistemas de entrega de correspondências em todo o mundo, propiciaram a ruptura da presencialidade, que ganha força e se consolida com o aparecimento de outros meios de comunicação como o rádio, a televisão e o computador.

### A EAD NO BRASIL

Não existem registros precisos da implantação da EaD no Brasil, no entanto, o professor João Roberto Moreira Alves (2003) aponta que, em 1891, o *Jornal do Brasil*, em sua primeira edição, registrou “[...] na seção de classificados, anúncio oferecendo profissionalização por correspondência (datilógrafo)”. Alves aponta, também, a implantação de ‘Escolas Internacionais’ em 1904, “[...] representando organizações norte-americanas”. Embora esses registros tenham sido feitos, eles não representam o marco inicial de EaD no Brasil. Na verdade, coube ao rádio esse papel.



Roquette-Pinto  
<http://www.cciencia.ufrj.br/exposicao/RoquetePinto/images/roquete.jpg>

O marco inicial de EaD no Brasil é considerado a criação, em 20 de abril de 1923, por Edgard Roquette-Pinto e Henry Morize, cientistas e pesquisadores da Academia Brasileira de Ciências, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e, com ela, a implantação de um plano sistemático de utilização educacional. Levar educação e cultura a todos os lares brasileiros eram os objetivos. A programação, portanto, aponta Assumpção (1994),

[...] “espelhava-se” totalmente na educação escolarizada, quando transmitia lições, palestras, aulas de Português, Literaturas Francesa e Inglesa, História do Brasil, Geografias Naturais, Física, Química e cursos práticos sobre Rádio, Telegrafia, Telefonia e prática de Silvicultura. [...] Além desses conhecimentos, as emissoras difundiam concertos, espetáculos teatrais, temporadas líricas, programas infantis como Quarto de Hora de Tia Beatriz pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e Hora Infantil pela Rádio Guanabara, conselhos de higiene, radiodrama e noticiários.

Essa iniciativa de criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro não representou, porém, o marco inicial das transmissões de rádio no Brasil. Oficialmente, é considerado o discurso do então Presidente da República Epitácio Pessoa, no dia 7 de setembro de 1922, nas comemorações do Centenário da Independência, como a primeira transmissão radiofônica brasileira, embora as primeiras transmissões datem de 1919, com Oscar Moreira Pinto fundando a Rádio Clube de Pernambuco, em caráter experimental, no Recife.

## 1. EAD E O RÁDIO

Por ser, hoje, de baixo custo, o rádio propicia fácil acesso. Também, por ser disponibilizado ao consumo, hoje, com fonte alternativa de energia – bateria – não dependendo de fiações e tomadas e podendo ser facilmente transportado, o rádio possibilita audiência em qualquer lugar, seja em casa ou no trabalho, tanto no campo quanto na cidade. Estas características tornaram esse meio da comunicação eficiente para se levar mensagens a longas distâncias. Tudo isto permitiu que esse medium fosse incorporado às idéias de uma educação nova que surgia no horizonte educacional brasileiro. As propostas dos escolanovistas, as quais apontavam para a superação do intelectualismo enciclopédico da pedagogia tradicional, pregando o acesso de todos à educação e, portanto, a extinção do analfabetismo, fundamentam e fortalecem as tímidas iniciativas da nascente rádio educativa, respaldando o seu uso como meio de acesso ao ensino na educação brasileira.



Rádio antigo

[http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/ArquivosComuns/historia\\_radio\\_interna.jpg](http://www.cultura.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/ArquivosComuns/historia_radio_interna.jpg)

O contexto do aparecimento do rádio e seus fins educativos no Brasil encontram-se respaldados na transformação do sistema educacional brasileiro. A escola, como bem percebeu o escolanovista Fernando de Azevedo,

[...] deveria utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio, com que a ciência, multiplicando-lhe a eficácia, acudiu à obra de educação e cultura e que assumiam em face das condições geográficas e da extensão territorial do país, uma importância capital (AZEVEDO apud DÂNGELO, 1994, p.23).

Nesse espírito, o próprio Roquette-Pinto propõe, em 1933, a criação de uma Comissão de Rádio Educativa que tratasse de fazer da rádio difusão uma forma de democratização de conhecimento, fazendo chegar à população conhecimentos de seus interesses.

As primeiras atividades dessa comissão foram: a transmissão do programa Quarto de Hora, veiculado diariamente das 18h45min às 19 horas pelas emissoras filiadas do Rio de Janeiro, em que se divulgavam palestras sobre Psicologia, Direito, Artes, Higiene, Geografia, História, Língua Pátria e Estrangeira.

[...] Aliou-se também a essa comissão o Departamento de Educação Municipal do Rio de Janeiro, que em 31 de dezembro de 1933, em caráter experimental e sob a responsabilidade de Roquette-Pinto, criou a estação da Rádio Escola Municipal do Distrito Federal. A inauguração dessa rádio ocorreu em 6 de janeiro de 1934. (ASSUMPÇÃO, 1994)

### CURIOSIDADE

Nos primeiros anos que seguem sua criação, o rádio era um móvel, geralmente grande, sua bateria era pesada e seu transporte era demasiado difícil.

Dentre todos os projetos de educação pelo rádio, desse período, é importante destacar o projeto das Rádio-Escolas. Criado por Anísio Teixeira, em 1933, no Rio de Janeiro em 1933, como um dos mais importantes da época, transmitia, através da recém criada Rádio Escola Municipal do Distrito Federal, praticamente todos os cursos do ensino fundamental e médio.

Embora o crescimento do número de emissoras no país, indicasse a expansão e a aceitação do meio, em 1936, por não conseguir manter a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro sem a publicidade comercial, que apontava como uma tendência, Roquette-Pinto viu-se obrigado a doá-la ao então Ministério da Educação e Saúde. O MES assumiu a rádio com o compromisso de manter uma programação dirigida à educação e à cultura, passando a chamar-se Rádio do Ministério da Educação e Cultura (Rádio MEC). A história do rádio brasileiro, portanto, já se inicia numa perspectiva educativa.

Após a Segunda Guerra Mundial, a reestruturação dos países se fazia necessária e a demanda por educação cresceu em vários países do mundo, inclusive no Brasil. No final dos anos 1950, surgiram mais iniciativas de EaD, como a da Igreja Adventista, que lançou, em 1943, programas radiofônicos através da Escola Rádio-Postal “A Voz da Profecia”, com a finalidade de oferecer aos ouvintes cursos bíblicos por correspondência. O SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - iniciou, em 1946, suas atividades e desenvolveu, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a Universidade do Ar que, em 1950, já atingia 318 localidades e 80 alunos. Alves (2003) aponta que “A Diocese de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, criou em 1959 algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB)”, que foi um marco na EaD no Brasil.

Esta educação radiofônica do MEB era de caráter não formal, pois não outorgava diplomas de escolaridade, mas se comprometia com uma mínima educação de base, incluindo, segundo Bordenave,

“[...] saber ler e escrever, contar e fazer cálculos simples, plantar e tratar de animais, cuidar da saúde e ser um bom cidadão e um bom cristão” (1987, p.16). Esta experiência se expande a outras dioceses do Rio Grande do Norte, promovendo um movimento de tal envergadura que, “No ano seguinte as diversas escolas radiofônicas tornam-se um movimento nacional (o MEB) e, em 1961, um acordo entre o Governo Federal e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil integra a iniciativa na política educacional oficial” (SANTOS, 1981, p.60).

A experiência do MEB tomou como exemplo a da Rádio Sutatenza, na Colômbia, iniciada em 1947, pelo pároco Joaquim Salcedo, que a partir de uma experiência canadense, a da ‘rádio-fórum’, utilizou um transmissor de baixa frequência,

“[...] para levar instruções e noções religiosas básicas aos agricultores de sua zona” (BORDENAVE, 1987, p.15).



Padre José Joaquín Salcedo, fundador da Rádio Sutatenza, primeira na América Latina a levar educação a camponeses analfabetos.

<http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://my.opera.com/eimecun/avatar.pl&imgrefurl=http://my.opera.com/eimecun1/blog/index.dml/>

Ainda segundo Bordenave, “As experiências da Rádio Sutatenza e do MEB tiveram tal repercussão, num continente com tantas necessidades educacionais insatisfeitas, que seu exemplo foi seguido em quase todos os países latino-americanos” (Ibidem, p.16). A EaD, pouco a pouco, apoiada no rádio, principalmente, e também nos textos impressos, foi ganhando espaço junto à sociedade e se multiplicando.

## 2. EAD E OS IMPRESSOS

No final da década de 30 do século XX, a educação por correspondência se expande e ganha força. Em outubro 1939, o Instituto Monitor inicia as suas atividades de educação a distância por correspondência, privilegiando cursos técnicos. Começando com o curso de eletrônica, logo depois se dedica ao ensino supletivo (fundamental e médio) e, mais tarde, expande na direção da educação técnica-profissional nas áreas de Contabilidade, Informática e Secretariado. Anos depois, em 1941, é fundado o Instituto Universal Brasileiro, que também oferece cursos por correspondência, privilegiando modalidades de ensino supletivo e, segundo Saraiva, neste segmento,

“[...] pode ser considerado um dos primeiros em nosso país” (1996, p.20).

Esta modalidade caracteriza-se, geralmente, pelo envio e recebimento de material instrucional por via postal. Bordenave aponta que,

Neste método, as lições são enviadas aos estudantes pelo correio, junto com formulários de avaliação do aprendido. O aluno estuda a lição, preenche o formulário de auto-avaliação e o despacha para



Agricultoras latino-americanas acompanhando transmissão da Rádio Educativa  
[http://www.canalsolidari.org/web/fotos/fotos\\_noticias/noticia\\_4695.jpg](http://www.canalsolidari.org/web/fotos/fotos_noticias/noticia_4695.jpg)

o centro docente. Lá, um professor corrige as provas e as devolve aos estudantes com seus comentários e sugestões para recuperação. (1987, p.24).



Assis Chateaubriand

<http://www.cinemabrasil.org.br/fileserv/tvinaugh.jpg>

Há uma escassez de trabalhos sobre a história da EaD a partir dos impressos. Entretanto, o material impresso é usado em larga escala em EaD. O anuário estatístico de educação a distância aponta que o impresso é o meio mais utilizado entre todos. Segundo ele, em 2004, 84% das instituições o utilizou.

A conjuntura político-econômica que se delineou no Pós-Guerra, apoiada nos avanços das tecnologias de informação e comunicação, apontaram, cada vez mais, na direção da EaD como alternativa economicamente viável às exigências sociais e pedagógicas que se anunciavam. Naquele contexto, rádio e material impresso eram frequentemente utilizados em conjunto e o surgimento da televisão mais que ampliou as perspectivas da educação mediatizada.

### 3. EAD E A TELEVISÃO

No Brasil, desde 1950, a televisão, trazida pelas mãos do jornalista e empresário da comunicação, o paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que inaugura, em São Paulo, a TV Tupi canal 3, incorporou-se ao arsenal tecnológico de educação a distância. Em circuito fechado, aponta Niskier (1999),

“[...] a universidade de Santa Maria (RS) foi a pioneira em 1958, com programas destinados aos alunos da Faculdade de Medicina” (p.162).



Uma das primeiras câmeras da TV Tupi, nos anos 50.

[http://www.mofolandia.com.br/mofolandia\\_nova/images/Vida\\_Alves/camera1.jpg](http://www.mofolandia.com.br/mofolandia_nova/images/Vida_Alves/camera1.jpg)

Embora outras experiências nesse nível tivessem sido desenvolvidas, poucos anos após o início da experiência gaúcha, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Brasília, a primeira TV educativa só entrou no ar em 1967, em Pernambuco. Todas estas experiências em EaD corroboraram para que fossem elaboradas as primeiras tentativas governamentais de sistematização da educação a distância, embora ela já existisse entre nós desde os primeiros anos do século XX.

Segundo Jambreiro (2001), dois fatores contribuíram para que o Brasil tratasse com um enfoque mais sistemático a TV educativa:

Primeiro, houve uma ofensiva internacional, liderada pela Unesco, pres-

sionando pelo uso da TV para atender necessidades educacionais nos países em desenvolvimento; e, segundo, como resultado do processo acelerado de industrialização, o país necessitava de preparar mão-de-obra apropriada rapidamente (p.122).

Em 1965, os trabalhos da comissão para Estudos e Planejamento da Radiodifusão Educativa culminaram com a criação do Prontel - Programa Nacional de Teleducação - em 1972, cujo objetivo era, segundo Grumbach (2002),

“[...] integrar, em âmbito nacional, atividades didáticas e educativas através do rádio, da TV e de outros meios, de forma articulada com a política nacional de educação”. É nesse sentido que em 1978, em parceria com a TVE do Rio de Janeiro, ocorre o I Encontro Nacional de Dirigentes e Assessores de TV Educativa, historicamente a primeira tentativa de criar um Sistema Nacional para o atendimento das carências educacionais e de operacionalização de uma rede de transmissão de programas de caráter educativo mediante a atuação integrada das emissoras de TV educativa.

Em 1967, foi criada, no Estado de São Paulo a Fundação Padre Anchieta que começou, em 1969, a emitir sinais de TV às populações faveladas e a diversos tipos de coletividades organizadas, municipais e estaduais, com programas educativos também veiculados em rede nacional. O Estado do Maranhão, também em 1969, começou a emitir programas de televisão em circuito fechado para alunos de 5ª a 8ª série do 1º grau. No Ceará, na mesma época, a TVE também desenvolveu o programa TV Escola, que atendia a alunos no interior do Estado, da 5ª à 8ª séries.

O momento era prolífero e, no final dos anos 1960, teve-se,

“[...] com certeza absoluta, o maior projeto de uso de meios modernos em educação do Brasil” (ANDRADE, 1996, p. 117),

o Projeto Saci (Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares). Ele surge como resultado de pesquisas espaciais e do crescimento e expansão do mercado das telecomunicações no mundo. Este projeto, apresentado ao Governo Federal pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), propunha o uso de satélite na educação. Segundo Santos (1981),

“[...] um satélite de alta potência dotado de 3 canais de TV. 152.000 televisores receberiam os sinais diretamente do engenho espacial, enquanto 12 estações terrestres transmitiriam para os 48.000 aparelhos tradicionais” (p.96).



Logomarca da TVE Brasil  
[http://www.museudatv.com.br/historia-dasemissoras/figura\\_tve.jpg](http://www.museudatv.com.br/historia-dasemissoras/figura_tve.jpg)

Este inovador projeto estava voltado, antes de tudo, para a melhoria do ensino primário, entretanto, apresentou alguns objetivos extra-escolares, tais como:

1) para o ‘o desenvolvimento nacional’, através do uso do sistema de TVE por satélite para apresentação de campanhas concernentes à realização de metas nacionais’; 2) para a ‘unidade nacional’, graças à ‘motivação para estabilidade e mobilização em épocas de crise, desastre ou calamidade nacional’; 3) para ‘divertimento e cultura’, através de ‘noticiários, serviços públicos, acontecimentos esportivos e apresentações artísticas nacionais’(Ibid. p.96).

Fruto de uma parceria entre o Inpe, UFRN e a SEC/RN, o Experimento Educacional do Rio Grande do Norte (EXERN), como ficou conhecido, foi bastante ousado e inovador. No dizer de Andrade (1996),

O Inpe montou um projeto sofisticado. Treinou uma equipe com profissionais de comunicação social e educação; instalou equipamentos para a produção de programas de rádio, televisão e material impresso; desenvolveu equipamentos de recepção de satélite; testou formas alternativas de energia para alimentar receptores em locais não servidos por energia elétrica; usou fartamente o computador e, como se não bastasse, no bojo do projeto, organizou um mestrado em Tecnologia Educacional por onde passaram profissionais hoje espalhados por todo o país.(p.117).

Não fossem pela postura do MEC de “[...] reprovação que fazia questão de manifestar diante do Saci” (SANTOS, 1981, p.132-133), e também, e principalmente, por questões de corte de orçamento em momentos decisivos da experiência, as quais “[...] impediam o planejamento e a produção das Missões V e VI” (Ibid. p.157), e ainda por questões burocráticas afetando diretamente a logística da experiência, já que a “[...] administração potiguar parecia não reconhecer a urgência de certas iniciativas” (Ibid. p.168) e demorando muito para realizar o repasse de verbas destinadas à compra de baterias e à renovação da frota de veículos, entre outros problemas de um projeto dito pioneiro, o EXERN teria conseguido bem mais. Entretanto, em 1975, o Inpe se retira do EXERN, que passa a ser desenvolvido pela UFRN e pela SEC/RN e passa a ser designado Sitern. Como saldo do projeto Saci, tem-se:

[...] 35 minutos de comunicação via satélite, em 1975; 1.241 programas de rádio e igual número para televisão; instalação de recepção em 510 escolas de 71 municípios do Rio Grande do Norte, das quais 10 receberam o sinal diretamente do satélite e cerca de 200 receberam via estação de superfícies, retransmitindo o sinal do satélite mais próximo a elas. (SARAIVA, 1996, p.21)

A partir desse período, pode-se claramente visualizar um aumento significativo de projetos de educação a distância sendo implantados no Brasil. Tanto através do rádio, e dos impressos por correspondência quanto pela novíssima televisão, em ascensão no Brasil, a EaD ampliava seu arsenal e se encaminhava para a consolidação.

No início da década de 70 do século XX, na Bahia, foi fundado o IRD-EB (Instituto de Radiodifusão do Estado da Bahia) que até 1977 produziu vários programas para alunos do pré-escolar, 1º e 2º graus. Vale destacar, também nesse período, o Projeto Minerva, o mais duradouro programa de radiodifusão educativa do Brasil, que surgiu em 1970, transmitido pela Rádio MEC, com apoio de material impresso e com o propósito de possibilitar aos milhares de pessoas realizarem seus estudos básicos, impulsionados pelo período de crescimento econômico, conhecido como “**o milagre brasileiro**”. Esse era o pano de fundo e buscava preparar mão-de-obra para o novo sentido de desenvolvimento do país.

Ver glossário no final da Aula

A Política Nacional de Educação, segundo Niskier (1999), “[...] foi estabelecida segundo as diretrizes do Conselho Federal de Cultura, com dimensões regional e nacional” (p.167). Uma de suas linhas de ação com fins a atingir os objetivos era:

Desenvolver uma campanha de informação e educação, com a utilização de todos os meios possíveis - televisão, rádio, disco, cinema, revista, jornal, folhetos – para a conscientização maior dos nossos bens culturais, a fim de valorizar suas expressões legítimas em todos os níveis da população. (ibid. p.167).

Com a extinção do Prontel em 1978, a SEAT – Secretaria de Aplicações Tecnológicas – absorveu toda a sua estrutura, mas logo depois foi extinta. Em 1982, foi, então, criado o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED), tornando-se o sucessor do Prontel.

Esta reorganização agilizou as atividades de EaD, muitos cursos foram criados e cada vez mais os meios de comunicação se somavam com a finalidade de assegurar qualidade a estes programas. Vale destacar, nesse período, os cursos de aperfeiçoamento de recursos humanos oferecidos pela ABT – Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – pelos quais já haviam passado, até 1995,

“[...] cerca de 30 mil pessoas” (SARAIVA, 1996, p.22), e os mais de 20 cursos de extensão oferecidos pela UnB, alguns dos quais “[...] traduzidos da Open Univesity” (Ibidem). Mais de 50 mil foram inscritos nestes cursos.

Estas experiências da UnB foram significativas ao ponto de, em 1985, ser criada a Coordenadoria de Educação a Distância, que se transformou, em 1989, no Centro de Educação Aberta Continuada a Distância – Cead. “No período do Cead, foram produzidos dez cursos, entre eles, a primeira experiência em software, em 1992. Hoje, o Cead conta com um grupo de especialistas nessa área, que já utilizam recursos de multimídia e estão produzindo em CD-ROM ” (Ibidem, p. 22). As ações do Cead tem-no

destacado na consolidação da EaD brasileira, tal que, em 1989, por sua iniciativa, foram lançadas as bases da Rede Brasileira de Educação Superior a Distância.

Outro merecido destaque cabe à FRM – Fundação Roberto Marinho, que já produziu e ainda produz várias séries educativas, a exemplo de “Menino, quem foi seu mestre?, Educação para o trânsito e Educação para a saúde” (ibidem, p.23), todos transmitidos pela TV Globo e pela TVE, canal 2, do Rio de Janeiro. Produziu também, em convênio com a Fiesp, Sesi e Senai de São Paulo, o Telecurso 2000, série com 1.140 programas televisivos apoiados por material impresso à disposição em bancas de revistas.

Dois grandes marcos para a EaD no Brasil são, seguramente, os programas Um Salto Para o Futuro e TV Escola. O primeiro, concebido, em 1991, em parceria entre o Governo Federal, as Secretarias Estaduais de Educação e a Funda-

ção Roquette-Pinto, objetivava atualizar os docentes das séries iniciais do ensino fundamental, utilizando material impresso, rádio, TV, fax e telefone. Utilizando satélite e buscando um formato inovador,

o programa tem momentos interativos que permitem aos professores cursistas, reunidos em telepostos, formular questões ou apresentar suas experiências, ao vivo ou via telefone e fax, à equipe de professores – especialistas presentes nos estúdios da TVE do Rio de Janeiro –, que as respondem ou comentam. (Ibidem, p. 24).

### Um Salto Para o Futuro,

“[...] por sua importância, abrangência e resultados, foi estimulador de mudança de mentalidade e de desenvolvimento de ações concretas em EaD, [...] e a partir de setembro 1995, passou a integrar a grade de programação da TV Escola” (Ibidem, p. 24).



Marlene Blois, pioneira do Projeto Minerva e do rádio educativo no Brasil, ao lado de Paulo Freire. O SINRED veiculou a série “Encontros com Paulo Freire”, co-produzida por Marlene.  
<http://www.soarmec.com.br/mbloisminerva4.jpg>

A TV Escola é um Programa da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação, dirigido à capacitação, atualização e ao aperfeiçoamento de professores do ensino fundamental e médio da rede pública. O TV Escola transmite,

[...] via satélite, em circuito fechado, ou através de recepção por antena parabólica, uma programação especial dirigida aos docentes e discentes das escolas públicas sobre as diversas formas de uso da televisão e do vídeo cassete na escola, numa perspectiva crítica e interdisciplinar.

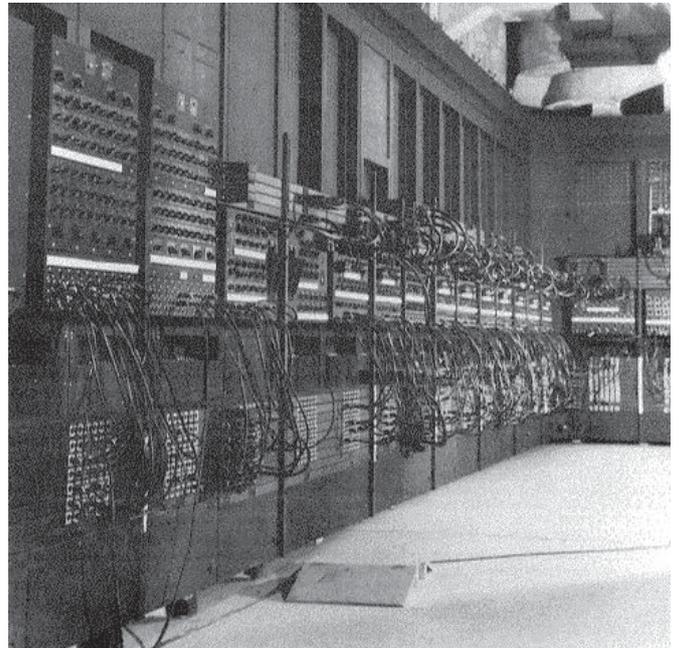
(MEC/Seed, 1996, n.º. 2, p.15).

Seus principais objetivos são: a capacitação, atualização, aperfeiçoamento e valorização dos professores da rede pública de ensino fundamental e médio, além do enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem. Atua em 65% da rede pública no Brasil e tem como pré-requisito básico para funcionamento a existência do kit tecnológico (um televisor, um videocassete, uma antena parabólica, um receptor de satélite e um conjunto de dez fitas de vídeo VHS). Para obter o kit, basta atender à Resolução FNDE n.º. 21, de 07 de agosto de 1995, ou seja: ser uma escola pública com mais de 100 alunos, independente de localização urbana ou rural, e dispor de energia elétrica.

#### 4. EAD E O COMPUTADOR (INTERNET)

A EaD, a partir das inovações tecnológicas sofreu um grande crescimento, passando de ‘estepe’ do ensino como caracterizou Pierre Lévy, – só era usada quando as modalidades de ensino tradicionais falhavam diante de determinadas circunstâncias educacionais –, para ser a mais nova tendência de ensino crescente em muitas partes do mundo.

Esse crescimento deve muito à invenção do computador, um equipamento capaz de armazenar muitos dados e fazer complexas operações matemáticas. Remonta ao ábaco, que data de 5.500 anos atrás, na Mesopotâmia, e era feito com sementes transpassadas por um fio estendido em uma moldura de madeira, cuja finalidade era realizar cálculos numéricos representados pelos deslocamentos das sementes sobre o fio.



ENIAC, um dos primeiros computadores da história  
<http://ei.cs.vt.edu/~history/ENIAC.gif>

A consolidação do computador como um instrumento estratégico dá-se na Segunda Guerra Mundial, pois tanto alemães, quanto britânicos e estadunidenses utilizaram-no durante esse período. A partir do fim dessa guerra e com o início da Guerra Fria, aumentou a corrida pelo desenvolvimento dessa nova ferramenta estratégica de calcular. Nesse mesmo período, desenvolveu-se também estratégias de comunicação entre um computador e outro, iniciando-se os rudimentos do que se conhece hoje por Internet.

Ferramentas assíncronas, como o correio eletrônico, e síncronas, como o bate-papo e a videoconferência, foram e continuam sendo aperfeiçoadas à medida que navegam pelas estradas virtuais da rede mundial de computadores, a Internet. Estas ferramentas incrementaram a comunicação a distância, ampliando sem precedentes os limites da EaD. Antes da Internet, a EaD utilizava tecnologias de comunicação que obedeciam a um esquema um-para-um (material impresso) e um-para-todos (rádio e TV); com a Internet todas essas estratégias são possíveis e sobretudo, possibilitam o modelo de comunicação todos-para-todos. O aparecimento de mais possibilidades de comunicação, através da Internet, fez dela um novo marco da EaD.

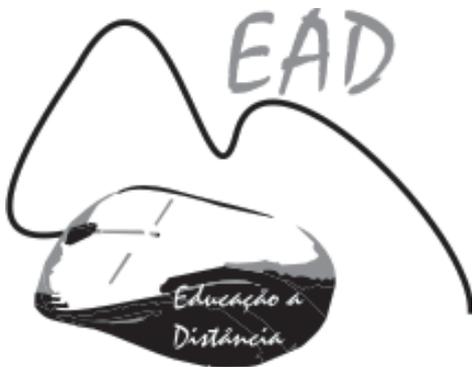
Dentro e fora do Brasil, multiplicam-se novas propostas de EaD via Internet. Universidades virtuais estão sendo montadas para atender a uma crescente demanda por cursos nesta modalidade.

Se antes a EaD era usada como um ‘tapa buraco’ das lacunas não preenchidas pela educação tradicional (presencial), hoje, graças às novas tecnologias da computação e à Internet, ela é vista como um modelo de sucesso para o padrão de vida atualmente imposto pelos modelos econômico e social altamente competitivos e que para se manter necessita de constantes e rápidas atualizações e qualificações ao nível do conhecimento.

Logo a seguir levantamos alguns dados sobre a História da EaD do Brasil, como apoio para o entendimento do texto do Prof. Florisvaldo.

### ALGUNS DADOS PONTUAIS SOBRE A EAD NO BRASIL

- Marco inicial: criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1925, por Roquette Pinto (trabalhava-se por correspondência e com aulas por rádio).
- A marinha e o exército realizam ensino por correspondência, para atualização do pessoal (1939).
- O Instituto Universal Brasileiro (S.Paulo). Oferecia cursos por correspondência desde 1941 (um dos primeiros do Brasil).
- O Projeto Minerva, Rádio MEC, estudos básicos (década de 70).



[http://www.sms.rio.rj.gov.br/forum/ead/templates/subSilver/images/logo\\_phpBB.gif](http://www.sms.rio.rj.gov.br/forum/ead/templates/subSilver/images/logo_phpBB.gif)

- O Projeto SACI (1967-1974), Sistema Nacional de Teleducação com o uso de satélite: ensino das primeiras séries e habilitação de leigos.
- O Experimento do Rio Grande do Norte: séries iniciais e treinamento de professores (rádio e televisão (EXEN))
- Em 1976, criou-se, no Maranhão, o Sistema de Televisão Educativa (TVE), tornando-se nacional com atuação até hoje.
- Desde a década de 80 foi criada a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT), que oferece cursos para o aperfeiçoamento de recursos humanos.
- A Universidade de Brasília (UnB) vem desenvolvendo curso de extensão na área desde 1979. Em 1985, criou a Coordenadoria de Educação a Distância, mais tarde, em 1989, o Centro de Educação Aberta Continuada a Distância (Cread)
- Por iniciativa do Cread, em 1989 é lançada a Rede Brasileira de Educação Superior à Distância, em várias universidades reunidas.
- Em 1993, o MEC e o Ministério das Comunicações formularam uma política de EaD (Decreto nº 1237 de 6/9/94), com vários desdobramentos, entre eles a criação da Coordenadoria Nacional de EaD no MEC.
- Também foi realizado o Consórcio Interuniversitário de EaD, assinado pelos reitores, com o objetivo de colaborar com os governos federal, estadual e municipal para a oferta de oportunidades educacionais no país.
- Em 1995, realizou-se a I Conferência Interamericana de Educação a Distância.
- A Fundação Roberto Marinho se destaca na última década com várias iniciativas: o Telecurso do 2º Grau e o Supletivo do 1º Grau; a Telecurso 2000, em convênio com a Fiesp e as vidiotecas, com o apoio do Banco do Brasil.
- Outra iniciativa em EaD: Um Salto para o Futuro (atualização dos professores (F. Roquette Pinto, com o uso de mulltimeios, material impresso, rádio, TV e telefone).
- Em 1995, este programa intergra a TV Escola (canal exclusivo de TV, em circuito aberto, via satélite, com recepção por antena parabólica).
- Em 1995 é criado Programa de apoio Tecnológico à Escola, repasse de kit.
- Na Nova LDB, Art.80, de 1996, a EaD é contemplada.



A leitura do texto do Prof. Florisvaldo nos faz viajar no tempo, descobrindo que a Educação a Distância tem origens no século XIX. Certamente, você já ouviu falar ou conheceu alguém que fez algum curso por corre-



Logomarca do Programa TV Escola  
<http://www.se.df.gov.br/gcs/file.asp?id=7243>

spondência. Também deve ter tido informação de que o ensino pelo rádio, no antigo MEB (Movimento de Educação de Base) teve presença forte em Sergipe, na década de 1960. Essa experiência foi desmontada pelos militares quando estes assumiram o poder. Mais recentemente, muitos professores do Estado e dos municípios sergipanos fizeram o Curso “TV Escola e os desafios de Hoje” na modalidade a distância. Talvez você tenha sido um desses cursistas. Da mesma forma, encontra-se em andamento o curso “Educação e Multimídias”, preparando os professores para os usos das mídias nas atividades pedagógicas.

Sua tarefa é a de realizar uma entrevista com pessoas que fizeram cursos a distância em seu município, levantando os pontos positivos e os pontos negativos da experiência. O importante para nós é saber em que medida o processo de aprendizagem em EaD provocou mudanças na vida pessoal e profissional do seu entrevistado. Procure levantar dados sobre o seu entrevistado: idade, local de trabalho, experiência profissional, nível de formação etc.

### **CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE: UMA ALTERNATIVA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR**

Miguel André Berger  
Andréa Karla Ferreira Nunes

Durante muito tempo, tanto a idéia quanto a sistemática relativas à educação a distância foram consideradas, para usar as palavras do filósofo francês Pierre Lévy (1998), uma espécie de “estepe” do ensino. Esse regime de ensino foi utilizado principalmente para amenizar lacunas deixadas por outras modalidades de educação. Se o sistema educacional convencional falhava em proporcionar escolaridade mínima a uma parcela significativa da população, então a educação a distância era chamada para suprir essa lacuna. Com isto, a sociedade acostumou a olhar para a EAD como uma educação “de segunda categoria”, utilizada especialmente para aqueles que não tiveram oportunidade de uma educação “melhor”, a educação presencial convencional. A linguagem e o formato dos programas de EAD através do rádio e da televisão mostravam-se dirigidos para o “andar de baixo” da sociedade, para os excluídos do sistema educacional. Educação a Distância era, portanto, “coisa de pobre”.

A mudança de percepção começou a ocorrer a partir das pesquisas dos anos 1970 e 1980, passando a ser vista pelo que é, a partir do estudo

das características que a determinam ou por seus elementos constitutivos.

Perry & Rumble (Landim,1987) afirmam que a característica básica da educação a distância é o estabelecimento de uma comunicação de dupla via, haja vista que professor e aluno não se encontram juntos na mesma sala requisitando, assim, meios que possibilitem a comunicação entre ambos como correspondência postal, correspondência eletrônica, telefone ou telex, rádio, modem, vídeodisco controlado por computador, televisão apoiada em meios abertos de dupla comunicação, etc. Citam que há muitas denominações utilizadas correntemente para descrever a EaD, como: estudo aberto, educação não tradicional, estudo externo, extensão, estudo por contrato, estudo experimental.

Nenhuma dessas denominações serve, contudo, para descrever com exatidão educação a distância; são termos genéricos que, em certas ocasiões, a incluem mas não representam somente a modalidade a distância. Esta pressupõe um processo educativo sistemático e organizado que exige não somente a dupla via de comunicação, como também a instauração de um processo continuado, no qual os meios ou os multimeios devem estar presentes na estratégia de comunicação. A escolha destes vem em razão do tipo de público, custos operacionais e, principalmente, da eficácia para a transmissão, recepção, transformação e criação do processo educativo, segundo Perry & Rumble.



[http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.plenarinho.gov.br/educacao/imagens/plenarinho-para-professores/ensino-a-distancia03.jpg&imgrefurl=http://www.plenarinho.gov.br/educacao/Reportagens\\_publicadas/ensino-a-distancia-plenarinho-para-professores&h](http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.plenarinho.gov.br/educacao/imagens/plenarinho-para-professores/ensino-a-distancia03.jpg&imgrefurl=http://www.plenarinho.gov.br/educacao/Reportagens_publicadas/ensino-a-distancia-plenarinho-para-professores&h)

Analisando a história dessa modalidade de ensino tem-se que a educação a distância nasceu sob o signo da democratização do saber. Trata-se de uma inovação educativa que tem por objetivo maior gerar condições de acesso

à educação para todos aqueles que, por um motivo ou outro, não estejam sendo atendidos satisfatoriamente pelos meios tradicionais de ensino. É uma inovação educativa, mas já tem muitos anos de experiência. A distância é o grande desafio, mas não é jamais a fronteira final da educação. Aquele que trabalha e não tem horários compatíveis com os rígidos horários escolares; aquele que tem dificuldades físicas de locomoção; aquele que quer criar seu próprio programa de estudo poderá receber na educação a distância a saída moderna e eficiente para suas demandas. Essa modalidade é uma opção que muitos dirigentes começaram a buscar para qualificar o trabalhador nas empresas bem como o professor, sem tirá-lo da sala de aula, a fim de evitar o dispêndio de mais recursos financeiros.

Durante as últimas décadas o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TIC), assumiu um ritmo crescente, afetando os vários setores da sociedade. Na década de 1990, diante do ideário neoliberal que procura minimizar o papel do estado nos setores econômicos e sociais, seu uso vem se tornando mais evidente e consistente.

Com as novas exigências sociais, culturais e econômicas dos anos noventa, a educação, responsável pela divulgação do saber acumulado durante séculos também vem, diante do modelo neoliberal, passando por mudanças significativas. Hoje no discurso da reforma das políticas educacionais está a de modernizar a educação, o novo modelo de organização e gestão democrática.

Diante do discurso defendendo a qualidade, a eficiência e equidade da educação básica brasileira, o governo neoliberal, representado aqui pelas políticas adotadas no governo de Fernando Henrique Cardoso, vem recorrendo a programas que se utilizam de tecnologias tais como Tv Escola, Proinfo, Proformação, dentre outros, para superação dos problemas que afetam o campo educacional, resultantes da ausência ou poucos investimentos feitos em outros momentos da História.

O uso da TIC constitui uma estratégia do governo veicular suas concepções ou propostas de reforma da educação com o intuito de um atendimento em massa dos indivíduos, o que proporcionaria uma redução de investimentos na área da educação. A televisão ganhou status dentro do campo educacional, pois foi vislumbrada a utilização desse recurso como algo que contribuiria para a melhoria da educação, em especial na capacitação de docentes. Neste contexto surge o Programa Tv Escola, na modalidade de Educação a Distância, como forma de atualizar os professores, atuantes nas diferentes regiões brasileiras no uso das novas linguagens.

A capacitação de professores adotando as ferramentas tecnológicas (tv e vídeo) estão baseadas em uma concepção radical de descentralização, isto é, o próprio docente é responsável por sua atualização, conforme as características inerentes ao ensino a distância.

A utilização das ferramentas tecnológicas ao contexto escolar e prin-

principalmente o uso delas como recurso de transmissão do saber e com possibilidade de uso para formação continuada da grande massa de professores foi a alternativa adotada para diminuir gastos e satisfazer os interesses de investidores como Banco Mundial e outros.

O presente estudo visa analisar a introdução das ferramentas tecnológicas no trabalho pedagógico, as quais pressupõem a incorporação de novos meios de transmissão e posturas pedagógicas, o que por vezes é um processo lento e que exige o enfrentamento de inúmeros obstáculos. Além das escolas não estarem preparadas para lidarem com a descentralização das decisões tão presente no modelo neoliberal, essa forma de agir terminou por proporcionar “medo”, entre os atores. Uma escola que recebia tudo pronto e determinado, agora se vê como dirigente de recurso por “vezes escassos”, sentindo dificuldade em monitorar um programa nacional como o Tv Escola e ainda ser a responsável pela capacitação do seu corpo docente.

Essas considerações tornam-se importante neste estudo de uma política recente de capacitação do profissional da educação que vem se concretizando através do Projeto Tv na Escola, uma iniciativa do MEC na modalidade de Educação a Distância.

## PROJETO TV ESCOLA EM SERGIPE

A origem do Projeto Tv Escola está atrelada ao problema do ensino básico no Brasil, que conseguiu um aumento quantitativo, apresentando ainda indicadores de baixa qualidade no ensino. Este projeto visa disseminar conteúdos e procedimentos que possibilitem repensar o papel da escola e da educação, com vistas à implantação de novas formas pedagógicas, bem como novos modos de gestão escolar e a reavaliação do papel dos profissionais da educação. Foi lançado em 1995 e para sua concretização cada escola recebeu um kit tecnológico contendo um televisor, um videocassete, uma antena parabólica com receptor e dez fitas para gravação dos programas; os gastos de instalação, manutenção e segurança dos equipamentos, além da infraestrutura envolvendo recursos humanos e físicos era da responsabilidade dos estados e municípios, o que foi um aspecto que muito comprometeu o êxito do projeto.

O Projeto constitui um canal destinado exclusivamente à educação, viabilizado via satélite, em circuito fechado, ou através de recepção por antena parabólica. Seus sinais são gerados pela Fundação Roquette-Pinto, no Rio de Janeiro, para o satélite de comunicação Brasilsat e distribuído para todo o país. Voltado para formação continuada dos professores em exercício nas escolas públicas de ensino fundamental, visa proporcionar-lhes um novo recurso pedagógico que poderá contribuir para uma melhoria do ensino, pois, tanto professores como alunos podem desfrutar de uma programação específica. O Projeto é destinado também aos diretores, funcionários e à comunidade.

Na fase inicial, a programação se voltou para as primeiras séries do ensino fundamental, sendo hoje um programa que incorpora outras propostas de programação na educação, que fazem uso da tecnologia.

Os objetivos gerais apresentam como prioridade a atualização dos docentes para o manuseio das tecnologias. Entretanto, na prática tais preocupações deixam a desejar, pois um dos grandes entraves do projeto foi justamente a capacitação dos mestres.

O Projeto foi composto de duas etapas. Na primeira etapa, a programação priorizou as quatro primeiras séries do ensino fundamental, beneficiando escolas com mais de 100 alunos. Os primeiros programas foram direcionados para as dificuldades mais frequentes no ensino das disciplinas Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, procurando desta forma atender às expectativas dos professores, de modo a provocar-lhes reflexão sobre a qualidade do ensino nas aulas ministradas.

A programação tinha inicialmente quatro horas de duração, sendo veiculada de segunda a sexta-feira, três vezes por dia. Como complemento à programação televisiva, existe o material impresso que se constitui na Revista Tv Escola e nos Cadernos do Professor, abordando temas variados.

A segunda etapa seguiu os mesmos objetivos, havendo uma ampliação destes no intuito de dar conta das incorporações que foram sendo feitas por outras políticas educacionais na área tecnológica. Além das disciplinas do ciclo básico, passou a abranger outras como: Química, Biologia, Sociologia, Arte, Geografia, História, Física, Filosofia, Literatura e os temas transversais, tais como: Ética, Meio ambiente, Pluralidade cultural, entre outros.

A implantação do Projeto Tv Escola em Sergipe teve um antecedente que foi de fundamental importância para sua trajetória, no caso, o funcionamento do Projeto Vídeo Escola, o qual iniciou suas atividades em Sergipe, em 1990, e, seguiu até o ano de 1994. Uma equipe de educadores foi constituída pela Secretaria de Estado da Educação para acompanhar e avaliar esse Projeto, constituindo a Divisão de Tecnologia de Ensino – DITE.

Essa equipe tinha preparação teórica para trabalhar com assuntos referentes às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), desenvolvendo ações de capacitação em diversos momentos que favoreciam o aperfeiçoamento dos atores envolvidos nos cursos ministrados. O Projeto Vídeo Escola foi desenvolvido durante 4 (quatro) anos no Estado (1990 a 1994), e promovia ações de capacitação com o intuito de atingir o maior número possível de professores.



Ferramentas multimídia

Quando o Projeto Tv Escola foi implantado em Sergipe, no ano de 1996, no governo de Fernando Henrique Cardoso, a existência e a atuação dessa equipe constituíram um passo facilitador no tocante ao uso de tecnologias no contexto escolar. Entre os aspectos interferentes tem-se as questões de implantação, a definição de responsabilidades referentes à necessidade de dotar as escolas de uma infra-estrutura mínima e a questão da capacitação do professor. Houve uma despreocupação com ações de conscientização e capacitação dos professores, além da falta de sensibilidade por parte das autoridades que iriam acompanhar mais de perto o andamento do projeto em suas regiões. A tarefa de assistir a programação era da iniciativa do professor, que, na maioria das vezes, tem de assumir vários compromissos para sobreviver, não tendo tempo disponível para o acompanhamento desta, sendo que nem a escola definiu momentos comuns para discussão e análise de sua aplicabilidade no contexto escolar.

As pesquisas realizadas pela Secretaria de Educação a Distância do MEC também acusaram vários aspectos interferentes como a ausência de pessoal técnico nas escolas para operacionalizar os equipamentos, a falta de tempo e horário para os professores gravarem e assistirem os programas no próprio contexto da escola. Decorrente dessas pesquisas foi planejada uma “capacitação a distância, ampla e intencional, dirigida a professores e outros profissionais de ensino, como coordenadores pedagógicos e tecnológicos, para que eles descubram novas formas de explorar a Tv Escola e outras tecnologias”.

Essa capacitação constituiu o Curso Tv Escola e os Desafios de Hoje. Foi uma forma “intencional” que a Secretaria de Educação a Distância – SEED encontrou para salvar o Projeto TV Escola que, apesar de sua estrutura e ideologia, não estava surtindo os resultados esperados; isto é, os professores e gestores não usavam adequadamente a tecnologia proposta pela SEED.

Verifica-se que o curso Tv na Escola e os Desafios de Hoje não foi uma iniciativa isolada, mas atrelada à criação de meios que possibilitassem seu acompanhamento por constituir um curso-piloto e de abrangência nacional, ensejando a criação de um trabalho em parceria com as universidades – UniRede.



Atividade do Projeto TV Escola no MT  
[http://www2.seduc.mt.gov.br/imagens/ead\\_tv\\_escola1.jpg](http://www2.seduc.mt.gov.br/imagens/ead_tv_escola1.jpg)

### CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE

No dia 15 de outubro de 2000, num domingo, em que se comemorava o Dia do Professor, iniciou-se o curso de extensão: Tv na Escola e os Desafios de Hoje. Nesta data o Programa Tv Escola começou a transmitir oficialmente os programas vinculados ao curso, em parceria com a UniRede



[http://www.risolidaria.org.br/docs/ficheros/200601300001\\_15\\_0.jpg](http://www.risolidaria.org.br/docs/ficheros/200601300001_15_0.jpg)

e a Universidade de Brasília, que foi responsável pela gestão do Curso de Extensão. A realização do Projeto do Curso de Extensão estava prevista para o período de julho/2000 a março/2001 (6 meses), sendo que sua operacionalização ocorreu nos meses de outubro a dezembro de 2000 (4 meses).

Esse curso, oferecido pela primeira vez, tinha uma proposta de oferta continuada, visando atender a professores da Rede Pública de Ensino Fundamental e Médio de todo o país que estivessem interessados na otimização do uso dos audiovisuais na sua prática pedagógica, enfatizando o uso do acervo da Tv Escola.

Tinha como meta inicial alcançar 30.000 educadores de todo o território brasileiro, porém o número de inscritos superou a expectativa da Secretaria de Educação a Distância, totalizando 254.318 inscrições enviadas.

Deste total foram matriculados 34.740 educadores, o que nos permite analisar que a demanda por capacitação é algo urgente para os educadores, e um curso a distância (EAD) ocupa hoje uma posição instrumental estratégica para satisfazer as amplas e diversificadas necessidades de capacitação de profissionais. Muitos dos educadores têm interesse em participar de cursos de capacitação devido às condições de vida e dificuldade de deslocamento, sendo que um curso gratuito e a distância constitui um meio atrativo, apesar de o MEC restringir o número de inscritos.

O curso Tv na Escola e os Desafios de Hoje tem como objetivo a qualificação de professores e outros profissionais das instituições de ensino fundamental, para melhor utilização dos recursos proporcionados pelas novas tecnologias de comunicação e informação no cotidiano, com ênfase na comunicação educativa audiovisual (Tv e Vídeo).

A preocupação em tornar o uso da Tv e Vídeo mais efetivo e prático no cotidiano escolar era uma preocupação constante desse Curso de Extensão, o que se evidencia nos objetivos específicos, a seguir transcritos:

- Identificar aspectos teóricos e práticos sobre os meios de comunicação no contexto das novas tecnologias de comunicação, informação e multimídia, destacando aqueles que julgar mais úteis ao processo ensino-aprendizagem;

- Aprofundar conhecimentos sobre as contribuições científicas para compreensão das capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas do homem;

Explorar o potencial dos recursos da Tv Escola no projeto político-pedagógico da escola, sua gestão no cotidiano escolar e sua disponibilidade à comunicação;

- Elaborar propostas concretas de utilização do acervo da Tv Escola no desenvolvimento das atividades curriculares das várias áreas do conhecimento, bem como de outras tecnologias da comunicação e informação.

Os objetivos denotam uma preocupação dos organizadores do curso em propiciar aos cursistas uma base teórica conceitual sobre os conhecimentos científicos na área educacional com relação ao uso das tecnologias. Os dois últimos objetivos incentivaram a utilização da programação da Tv Escola, de modo mais efetivo.

Este curso teria carga horária de 180 horas, dividida em três módulos que poderiam ser cursados de forma independente e/ou complementar.

O primeiro módulo tinha como tema geral “Tecnologias e Educação: desafios e a Tv Escola”, objetivando proporcionar uma visão geral do curso e fornecer ao cursista base para estimular o uso de novas práticas pedagógicas e de utilização de televisão e vídeo. Abordava conteúdos sobre as tecnologias no cotidiano: desafios para o educador; linguagem da tv e novos modos de compreender; formação do professor e educação a distância; o projeto Tv Escola. Analisando os conteúdos propostos percebe-se que estes estavam organizados de forma didática e clara, mas usavam uma linguagem e terminologias técnicas que dificultavam a compreensão por parte da maioria dos cursistas. Na conclusão deste, o cursista teria de cumprir tarefas envolvendo respostas a 35 questões e escrita do memorial, no prazo de um mês, período de tempo insuficiente, conforme várias pesquisas realizadas, que relatavam a intensa jornada do trabalho dos docentes.

O módulo 2 solicitava que o cursista se envolvesse na análise de recursos (vídeo, programas de televisão, imagens e jornais) bem como planejasse situação envolvendo o uso destes no trabalho pedagógico. Em relação aos conteúdos elencados, percebe-se sua extensão e também complexidade, visto que esse módulo procura não apenas destacar e possibilitar ao cursista o convívio com as ferramentas tecnológicas, o que já constitui um desafio, mas também procura relacionar conteúdos dos Parâmetros Curriculares, dando uma noção geral que pouco contribuiu para uma formação aprofundada do professor.

O módulo 3 exigia do cursista o envolvimento no planejamento, na produção e análise do uso das ferramentas tecnológicas em sala de aula. Os conteúdos propostos iriam subsidiar o cursista na produção de um projeto com o uso das tecnologias, oportunizando-lhes colocar em prática os conteúdos veiculados. Além de requerer tempo disponível e o uso de ferramentas tecnológicas que não existiam na escola, o professor/cursista tinha de despende dinheiro para revelar algum filme fotográfico que porventura viesse a ser utilizado como registro da atividade proposta. Essas exigências contribuíam para que muitos cursistas não concluíssem o módulo.

A elaboração de um Memorial como uma atividade da proposta do curso Tv na Escola e os Desafios de Hoje foi uma novidade como também um empecilho para os cursistas. O memorial era um documento que o cursista iria elaborar passo a passo, no qual deveriam estar presentes os acertos, os sucessos, os avanços, mas também as falhas, os momentos difíceis, as paradas, as dúvidas enfrentadas no transcórre do curso. Era uma espécie de diário no qual o cursista ia escrevendo e narrando o que estava sentindo, refletindo, vivenciando. Mesmo sendo um material rico por ensejar uma auto-análise do cursista, permitindo ao tutor um acompanhamento mais detalhado da aprendizagem do aluno, este constituiu, contudo, uma tarefa a mais para o docente. Sem querer questionar a validade desta tarefa, mas diante do curto período de tempo do curso e aliado à jornada de trabalho do professor, essa proposta de trabalho poderia, de certo modo, desestimular os cursistas. Além do mais, esse tipo de tarefa não era/é uma prática constante na vida profissional dos cursistas.



Além destes aspectos, outros interferiram no êxito do projeto como a falta de sensibilização inicial e informação ao cursista sobre a sistemática do curso, o início tardio em Sergipe comprometendo o acompanhamento da programação nacional, a falta de proteção e a deficiência dos equipamentos, a falta de tempo ou momentos comuns no cotidiano escolar para o professor estudar, realizar as tarefas e discutir a aplicabilidade das informações.

O depoimento de um dos cursistas é muito elucidativo, quando aponta “a ausência do kit na escola e a dificuldade de conciliar seu tempo de serviço com os vídeos” (cursista 3).



Como diz um dos tutores, o não sucesso do projeto se deve à proposta megalomaniaca, sem infra-estrutura e com um agravante: os cursistas com carência de conhecimento, o que possibilitou uma radiografia do perfil intelectual do sujeito que estava em sala de aula, demonstrando uma estrutura fissurada, com dificuldades de compreensão do texto, hipertexto, associação entre os textos, abrir links para novas leituras, etc. E isto permitiu que eles não compreendessem o projeto do Curso Tv Escola e os Desafios de Hoje. (Tutor A)

Os aspectos aqui apresentados refletem toda uma proposta de política pública que necessita estabelecer seus programas e projetos, contemplando as diferenças regionais, proporcionando melhores condições de execução às coordenações estaduais, bem como aos cursistas interessados em se capacitar, mas tendo de trabalhar para garantir seu sustento e ao mesmo tempo desenvolver o trabalho pedagógico.

### CONCLUSÃO

O Projeto Tv Escola constituiu uma iniciativa de fazer chegar às escolas públicas ferramentas tecnológicas que pudessem auxiliar o docente na sala de aula; contudo, fica evidente que no primeiro momento faltaram maiores cuidados quanto à preparação de quem iria utilizar essas ferramentas (tv e vídeo), bem como do ambiente reinante nas escolas. O professor Paulo Cysneiros, em seu texto *Informática na Escola Pública Brasileira*, disponibilizado na Internet, já manifestava a preocupação sobre essa questão. Através de suas experiências em projetos de assessoria desenvolvidos nesta área, destaca a estrutura inadequada de nossas escolas para realizarem trabalhos envolvendo o uso das tecnologias. Segundo esse autor, “nas grandes cidades, as escolas públicas têm pouco espaço físico, são ruidosas, quentes e escuras, desencorajando qualquer outra atividade que não a aula tradicional.” (1999, p. 01)

Claro que há escolas que desfrutam de condições diferentes das citadas por Cysneiros; contudo elas são em número reduzido, sem considerar aquelas que estão situadas nos municípios interioranos do Brasil que não dispõem do material mais básico como cadeiras e mesas para estudantes.

Questionando os cursistas sobre a contribuição dos módulos à sua formação, tem-se que Módulo 2 foi o mais destacado em relação à prática pedagógica, enquanto o Módulo 3 foi o mais difícil, justamente pela exigência do Projeto Final.

O curso contou em Sergipe com 998 inscritos no primeiro módulo, sendo que somente 209 concluíram as atividades, havendo uma evasão em torno de 79%. O módulo 2 contou com a participação de 209 cursistas, havendo 145 concluintes; enquanto o módulo 3 iniciou-se com 145 professores e teve 99 concludentes; as taxas de evasão foram de 30,6% e 39,3%, respectivamente. A taxa mais alta de evasão verificou-se no primeiro módulo podendo ser decorrente da dificuldade na elaboração do memorial, do acúmulo de atividades e da falta de familiaridade dos professores com essa sistemática de trabalho, além da indisponibilidade, em muitos locais, das ferramentas tecnológicas. Os casos de desistência do 2º para o 3º Módulo, deve-se à exigência de elaboração do projeto final de conclusão de curso.

As oportunidades de formação continuada são poucas, sendo que os cursos de capacitação na área da Educação, principalmente, os atrelados ao uso das tecnologias precisam estar mais adaptados às questões regionais e à realidade local, a fim de garantir a efetividade dos investimentos.

Os gestores das escolas públicas também precisam ser envolvidos nas ações de capacitação a fim conhecerem melhor o Projeto Tv Escola e sua utilidade no contexto escolar, a fim de valorizarem o trabalho docente e facilitar a permanência dos professores no curso.

O fato de os cursistas estarem envolvidos em outras atividades de for-

mação (curso intensivo de graduação, seja à noite, fins de semanas ou férias) também foi outro motivo de desistência, pois muitos tinham a concepção de que o curso a distância era algo fácil, o que não aconteceu com o curso Tv na Escola e os Desafios de Hoje, diante das tarefas exigidas.

O período destinado ao Curso de Extensão também foi limitado a três meses, apesar do mesmo ter sido ampliado, no decorrer da execução. Isto vem requerer maiores reflexões por parte das equipes dirigentes e de planejamento que se encontram distantes da realidade das nossas regiões brasileiras.

A falta de aparelhos tecnológicos e a estrutura inadequada de nossas escolas, além de outras constatações feitas, demonstram a fragilidade das políticas públicas e das instituições de ensino e impõem uma reflexão sobre a necessidade de se repensar a forma como os cursos a distância, no caso o Curso Tv na Escola e os Desafio de Hoje, precisam ser redimensionados.



Se você foi aluno do Curso Tv na Escola e os Desafios de Hoje escreva sobre suas impressões a respeito do mesmo e se ele ajudou você em sua prática pedagógica. Caso contrário, entreviste alguém do seu município que fez o referido curso.

Registrar no Diário On-line.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, José R. Moreira. **Educação a distancia e as novas tecnologias de informação e aprendizagem**. Disponível em: <http://www.engenheiro2001.org.br/programas/980201a1.doc>. 2003. Acessado em 01/09/2005.
- ANDRADE, Arnon A. M. de. **Educação à Distância no Rio Grande do Norte**. In: Em Aberto. Brasília, ano 16, n.70, abr./jun. 1996.
- ASSUMPTÃO, Zeneida Alves de. **O Rádio Ontem e Hoje: Promotor de Cultura**. Disponível em: [http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt2\\_sonora/o20rE1dio20ontem20e20hoje.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt2_sonora/o20rE1dio20ontem20e20hoje.doc), 1994, acessado em 01/09/2005.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Teleducação ou educação a distância: Fundamentos e Métodos**. Petrópolis-RJ, Vozes, 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total: mito - ironias da era do virtual e da imagem**. Tradução Juremir Machado da Silva, Porto Alegre: Sulina, 1997.
- BELLONI, Matias Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 78)

\_\_\_\_\_. Educação a distância. Coleção Educação Contemporânea. Editores Autores Associados. São Paulo. 2001.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Aspectos sociológicos da informática educativa**. Tecnologia educacional. Rio de Janeiro, vol. 20 (102/103), 45-48, set./dez. 1991.

\_\_\_\_\_. Informática na escola pública brasileira. Informativo n. 12, UFPE, <http://www.propesq.ufpe.br/informativo/janfev99/publica.htm>., jan/fev/1999. e máquina

\_\_\_\_\_. A gestão da informática na escola pública. XI Simpósio de Informática na Educação Brasileira, Maceió, 8-10 de Novembro de 2000.

\_\_\_\_\_. Ler e escrever na universidade. Dezembro de 2000. <http://www.cysne.ufpe.br>

DÂNGELO, N. **Escolas sem professores: o rádio educativo nas décadas 1920/1940**. São Paulo, 1994. Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

ROCHA, Florisvaldo Silva. **Educação a distância: um panorama histórico**. Texto digitalizado, 2007.

FRANCO, Marcelo Araújo & SAMPAIO, Carmem Sanches. **Linguagens, comunicação e cibercultura: novas formas de produção do saber**. <http://www.revista.unicamp.br/navegacao/index1.html>, edição n. 5, jun. 1999.

GUIMARÃES, Gláucia. **Tv e escola: discurso em confronto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do Século XX**. Salvador – BA, Edufba, 2001

JOHNSON, Henry C. **Educação a Distância na América Latina: O Desafio da Criação de uma Tecnologia de Esperança**. In: Em Aberto. Brasília, ano 16. n° 70, abr/jun. 1996.

MEC/Seed. Revista da TV Escola. V.2 n°2. Brasília, março/abril 1996.

LANDIM, Cláudia M. das G.P. **Teixeira. Educação à distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro: s.n, 1997.

LÉVY, Pierry. **Entrevista concedida ao Programa “As formas do saber”**. Sorocaba - São Paulo, Folha de São Paulo, 09 dez. 1998, Ilustrada, 4.3. 1998.

\_\_\_\_\_. As tecnologias da inteligência (o futuro do pensamento na era da informática), tradução: Carlos Irineu da Costa, Rio de Janeiro, Ed. 34, 4ª - reimpressão, 1997.

\_\_\_\_\_. Cibercultura. Tradução: Carlos Irineu da Costa, São Paulo: ed. 34, 1999.

LITWIN, E. **Tecnologia educacional**. política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação a Distância. Utilização da TV Escola. Programa Um Salto para o Futuro. Brasília. 1999. Ministério da Educação e do desporto - MEC. Programa TV Escola, Brasília-DF, 1996.

NISKIER, Arnaldo. **Educação a distância: tecnologia da esperança**. São Paulo, Loyola, 1999.

- PAPERT, Seymour. A máquina das crianças (repensando a escola na era da informática). **Tradução: Sandra Costa**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- PRETI, Oresti. **Educação a distância: construindo significados**. Brasília, Plano, 2000.
- PROJETO DE APOIO À IMPLANTAÇÃO AO ACOMPANHAMENTO E À AVALIAÇÃO DA TV ESCOLA. Relatório Final. CONSED/SEED -MEC Brasília, maio de 1997.
- PORTO, Tânia Maria E. **A televisão na escola... Afinal**, que pedagogia é esta? Araraquara: JM Editora, São Paulo: s.n, 2000.
- Revista da TV Escola. Brasília**, v. 1, n. 1, set./out. 1995
- Revista da TV Escola. Brasília**, v. 3, n. 3, mai./jun. 1996.
- Revista da TV Escola. Brasília**, v. 2, n. 2, mar./abr. 1996.
- Revista da TV Escola. Brasília**, n. 20, 2000.
- Revista da TV Escola. Brasília**, n. 21, 2000.
- Revista da TV Escola. Brasília**, n. 25, 2001.
- SANTOS, Laymert G. dos. **Desregulagens**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- SARAIVA, Terezinha. **Educação a Distância no Brasil: lições da história**. In: Em Aberto. Brasília, ano 16, n.70, abr./jun. 1996.
- SEED/MEC/UniRede. **TV na escola e os desafios de hoje: manual de orientação acadêmica do Curso de Extensão para Professores do Ensino Fundamental da Rede Pública**. Coordenação de Leda Maria Rangeara Fiorentini. Brasília; Editora da Universidade de Brasília, 2000.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Relatório da 2ª edição do curso de extensão “TV na escola e os desafios de hoje”**. CEAD/Aracaju, 2002.

## GLÓSSARIO

**Florisvaldo S. Rocha** : Professor assistente da Universidade Federal de Sergipe. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (1992) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (1996).

**“O milagre brasileiro”** : Período de crescimento econômico, promovido pelos governos militares, caracterizado por medidas que visavam à concentração de renda e que teve seu ápice entre 1968 e 1973.

**Eniac** : Fabricado em 1946, com o patrocínio do exército americano, o ENIAC fora projetado para fazer cálculos balísticos durante a 2ª Guerra Mundial. Pesava 30 toneladas, media 5,50 metros de altura e 25 metros de comprimento, e contava com 70 mil resistores e 17.468 válvulas a vácuo ocupando a área de um ginásio desportivo.

Fonte das informações: <http://pt.wikipedia.org/wiki/ENIAC>

Ana Teberosky é uma das pesquisadoras mais respeitadas quando o tema é alfabetização. A Psicogênese da Língua Escrita, estudo desenvolvido por ela e por Emilia Ferreiro no final dos anos 1970, trouxe novos elementos para esclarecer o processo vivido pelo aluno que está aprendendo a ler e a escrever. A pesquisa tirou a alfabetização do âmbito exclusivo da Pedagogia e a levou para a Psicologia. Doutora em Psicologia e docente do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Barcelona, ela também atua no Instituto Municipal de Educação dessa cidade, desenvolvendo trabalhos em escolas públicas. [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0187/aberto/mt\\_102020.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0187/aberto/mt_102020.shtml)

Normalmente quando pegamos um trabalho ou uma prova para corrigir, nossos olhos se voltam para os erros e muito pouco para os acertos. Nunca paramos para pensar nas hipóteses que o aluno tinha em mente para raciocinar daquele jeito e não de outro, cometendo determinado erro. Apenas corrigimos a questão e reduzimos a nota dele.

Quando refletimos sobre o que nos diz **Vygotsky** (1991) acerca da aprendizagem, verificamos sua ênfase sobre o papel social do sujeito na construção do conhecimento, pois ao longo da vida a criança constrói suas experiências, hábitos, valores e costumes a partir da interação com o outro, cabendo à escola aproximar a experiência da criança à cultura escolar que pretende desenvolver.

Ver glossário no final da Aula

Em relação a **Papert** (1984), podemos afirmar que sua contribuição está no entendimento de que o computador é uma ferramenta importante na construção do conhecimento, levando os alunos a trabalhar em diferentes áreas, realizando sucessivas reflexões e abstrações de forma a criar modelos intelectuais próprios.

Valente (2002), por sua vez, contribui com a abordagem construtivista, em que o aluno controla seu processo de aprendizagem no saber fazer-fazendo. Seu foco é o uso inteligente do computador na educação.

Essas idéias sobre aprendizagem que sustentam teoricamente o Projeto de Alfabetização com uso de Multimídias, foram utilizadas para orientar os professores no desenvolvimento de sua prática pedagógica através das mídias, dando centralidade ao processo de construção pela criança.

Porém, verificamos que nem todos os professores, durante a pesquisa, conseguiram atingir os objetivos do projeto, pois não basta utilizar as mídias na sala de aula para que a aprendizagem aconteça. Elas podem até motivar os alunos na realização das tarefas escolares, mas não garantem uma mudança mais profunda na forma de ensinar do professor e de aprender do aluno. É preciso ressignificar todo o modo de pensar o pedagógico e realizá-lo, tomando como suporte as multimídias.

Gostaríamos de ressaltar que não basta utilizar as multimídias na sala de aula sem que se tenha mudado a nossa visão de ensinar e aprender. Pois se agirmos assim, faremos uma aula diferente, mais atrativa, mas sem modificar profundamente a aprendizagem dos alunos.

Quando estamos tratando da prática pedagógica em EAD, temos sempre essas idéias em mente. Que o ensino deve ser centrado na aprendizagem do aluno, pois ele aprende com o outro e com o material didático (impresso, visual, virtual etc), mediado por meios de comunicação (correio, rádio, TV, Internet etc), em ambientes que possibilitem ampla interatividade entre o aluno e a máquina (computador) e interação entre ele e os tutores, professores e colegas.

De modo mais resumido, podemos dizer que, em EAD, o ensino é centrado na aprendizagem do aluno, com a mediação das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Segundo Belloni (1999, p.63), “a mediação das mensagens pedagógicas está, pois, no coração dos processos educacionais em geral e, em particular, no ensino a distância”, isto implica “codificar as mensagens pedagógicas, traduzindo-as sob diversas formas, segundo os meios técnicos escolhidos”.

### O QUE É AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)?

Ao ler sobre a prática pedagógica em EAD, constatamos, portanto, que ela é pensada e realizada com base em determinados princípios, com a mediação no processo de ensino pelas TICs e a exigência da centralidade no processo de aprendizagem do aluno. Por isso é tão importante acreditar que você precisa mobilizar suas habilidades e competências para superar as dificuldades de aprendizagem na sua interação com o **Ambiente Virtual de Aprendizagem** e nas interlocuções que fizer através de correio eletrônico, chats, fórum etc., com seus colegas e tutores.

Pierre Lévy (2007), filósofo francês, resalta que há uma oposição enganosa entre o real e o virtual, já que, em uso corrente, a palavra virtual é usada para significar a ausência de algo, do existente. O real é a presença material, a realidade. Será que podemos pensar nesses termos? “A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência” (p.15).

Caso deseje aprofundar o tema, leia:

LÉVY, Pierre. O que é virtual? Tradução de Paulo Neves. 8. reimp. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.

No contexto das tecnologias da informação e da comunicação, a informática tem sido cada vez mais disseminada nas escolas como mais um recurso para apoiar a aprendizagem do que uma ferramenta cognitiva para a construção do conhecimento. Mas a verdade é que essas tecnologias assumiram novo papel no processo educativo, modificando nossa maneira de ensinar e de aprender. **Na Internet**, o conhecimento em rede incorporou o texto impresso, o áudio, o vídeo e a TV, transformando-os em um novo texto, o **hipertexto**, que aglutina mensagens, idéias, imagens e sons, num movimento dinâmico, circular e em labirintos, cujas saídas são sempre imprevisíveis, inesperadas, surpreendentes, ou mesmo frustrantes, de acordo com a forma fluida e descontínua do Ambiente Virtual (LÉVY, 1997).

Ver glossário no final da Aula

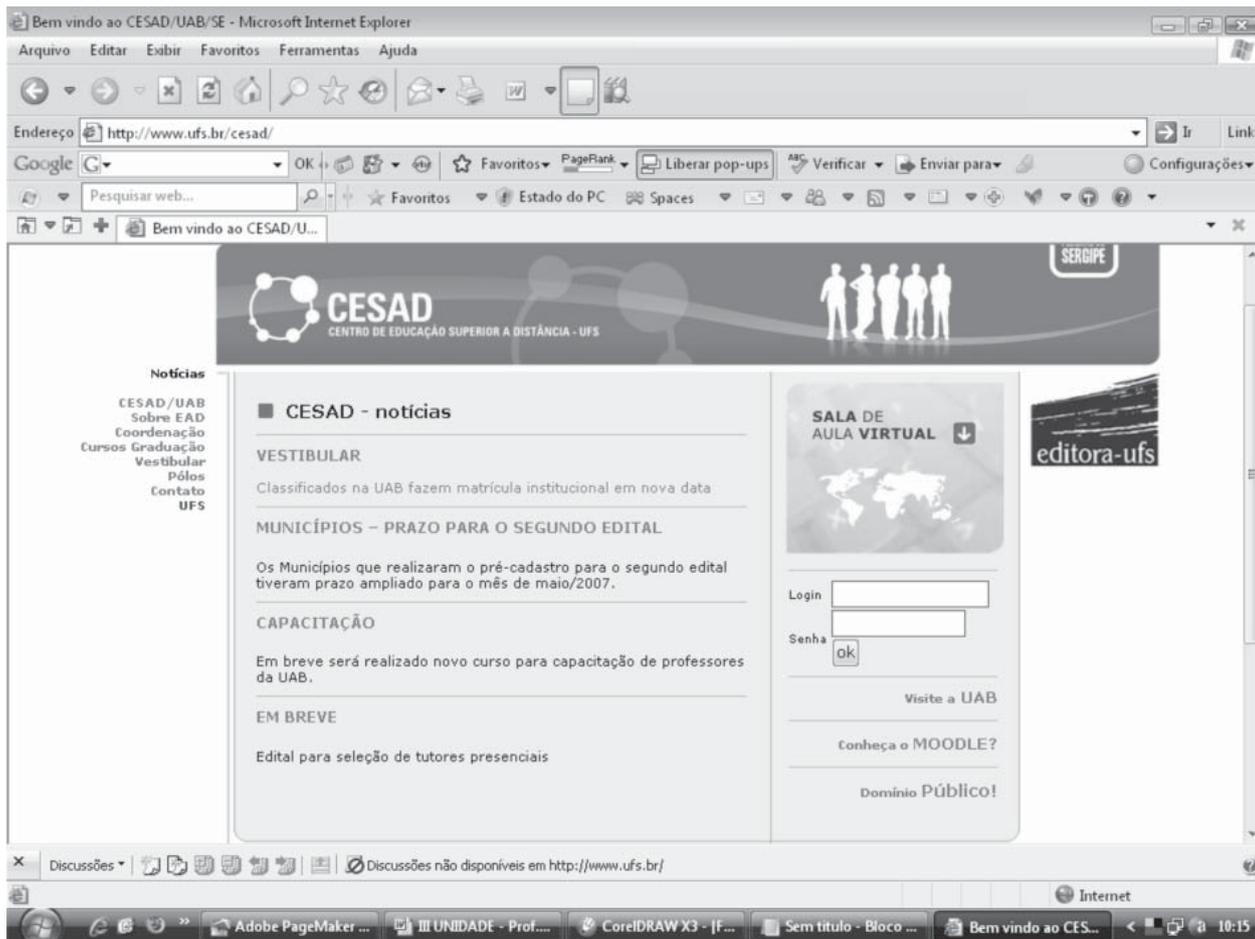
No Ambiente Virtual, o internauta parece andar em labirintos, muitas vezes alcançando o que almeja, outras frustando-se por perder-se em vários links de pesquisa sem conseguir encontrar o que busca. Mesmo que a Internet amplie imensamente as possibilidades de pesquisa, incorporando várias mídias, a construção do conhecimento não dispensa a pesquisa em livros, revistas, jornais etc., em instituições de pesquisa e bibliotecas cuja materialidade do impresso encerra uma criação cultural de riqueza histórica inigualável.

Nas origens da Educação a Distância, como você já estudou, a relação entre o professor/tutor e os alunos era bidirecional, isto é, de um para muitos. Mandava-se o material impresso ou transmitia-se o audiovisual para o aluno e este realizava as atividades e as enviava para o tutor. Com a Internet, a relação ficou multidirecional, formando-se comunidades de aprendizagem virtual, de cunho colaborativo e reflexivo.

Os processos de sociabilidade entre professores e tutores, entre estes e os alunos e entre os próprios alunos ampliam-se imensamente com as trocas de mensagem através de e-mail, bate-papos em tempo real, proporcionando novas formas de relacionamento e de aprendizagem impensáveis em décadas atrás.

Certamente você já tem conhecimento sobre essas diferentes formas de relacionar-se através da Internet, mas já parou para pensar em que medida estas relações se aproximam ou se distanciam daquelas que você estabelece presencialmente, numa sala de aula do ensino convencional? Da mesma forma, será possível pensar nas relações entre os envolvidos no ensino presencial e no ensino a distância?

As facilidades oferecidas pelas tecnologias da informação e da comunicação possibilitam a interatividade entre o usuário e a máquina (o computador) e interação entre os professores/tutores e os alunos, compondo dois pilares importantes do processo de ensino a distância. A combinação desses dois elementos, no **Ambiente Virtual de Aprendizagem**, fundamenta a prática pedagógica na Educação a Distância.



É sobre esse espaço de aprendizagem criado para os alunos da Universidade Aberta e a Distância que vamos discorrer a seguir. Quando você acessar a Internet em seu computador e digitar [www.cesad.ufs.br](http://www.cesad.ufs.br), de imediato, terá acesso ao espaço de aprendizagem virtual dos cursos oferecidos pela UFS, na modalidade de Ensino a Distância. Neste site, você dispõe de um conjunto de recursos que lhe permite navegar em diferentes direções: ter acesso ao programa de sua disciplina, aos recursos de aprendizagem, instruções para elaborar e enviar as atividades de cada disciplina, tarefas que devem ser realizadas, atividades de avaliação e seus resultados, fóruns com temas específicos, avisos e comunicações sobre seu curso, formas de contato com a Equipe da EAD e diálogos com colegas e tutores/professores. Cabe a você acessar e navegar a vontade para aprender nesse ambiente de aprendizagem e de socialização.

O site do CESAD está localizado na homepage da UFS, junto a tantos outros sites de serviços dessa universidade, cujo acesso pode ser feito através do endereço eletrônico [www.ufs.br](http://www.ufs.br) e, em seguida, clicar no atalho para o site do CESAD. Há, ainda, outra possibilidade de acesso, isto é, digitar diretamente o endereço [www.cesad.ufs.br](http://www.cesad.ufs.br).

Apesar de a Universidade Federal de Sergipe ser uma instituição tradicionalmente voltada para o ensino presencial, tem desenvolvido ao longo da

última década experiências de ensino a distância, integrando, assim, as suas práticas convencionais. Atualmente, integra no corpus de sua estrutura organizacional o desenvolvimento sistemático e contínuo de atividades de ensino, pesquisa e extensão em Educação a Distância, com a criação do CESAD.

Esse é o Ambiente de Aprendizagem Virtual (AVA) que lhe foi criado. Nele, você encontrará: o conteúdo do material impresso que foi construído para você cursar cada uma das disciplinas, as formas de comunicação com seus tutores/professores e com a equipe do **CESAD**, links de pesquisas, espaço para anexar e enviar as atividades que realizar a distância, entre outras possibilidades interativas. Além disso, terá a sua disposição o Guia Geral do Curso e os projetos pedagógicos de cada curso na íntegra, bem como toda a legislação concernente à instituição do **CESAD**.

Esse ambiente foi produzido através de um software que será monitorado e atualizado, ao longo do desenvolvimento do curso, de modo a garantir imediata comunicação entre: alunos e tutores, os próprios alunos e alunos e equipe do **CESAD**. Trata-se de um programa elaborado com várias instruções (comandos, funções) para você executar de forma seqüenciada no seu computador. Seguindo essas instruções, terá mais facilidade de navegar nesse ambiente e de se deslocar para outros links indicados fora dele, em busca de informações. Certamente você já teve oportunidade de vivenciar inúmeras oportunidades de aprendizagem em ambientes como esse, e para aprimorá-las nesta nova fase é necessário que desenvolva sua capacidade de aprendizagem autônoma, assumindo o papel de gestor do seu processo de aprender.



Visite o site do CESAD e apresente suas impressões a respeito dele: facilidade de acesso, comunicabilidade com os colegas e tutores, design da página informações e disposição dos recursos de aprendizagem (material didático, programa, Diário On-line, Fórum etc).

Procuramos lhe dar algumas informações básicas sobre o Ambiente Virtual de Aprendizagem, que deverá ser acessado constantemente por você para realizar as atividades de seu curso. Cabe-lhe, a partir de agora, visitá-lo e descrever essa experiência: observar o design da página, a forma de distribuição dos recursos, a clareza (ou não) das instruções, suas dificuldades em encontrar o que procura, informações de que sentiu falta etc.

Sua tarefa é, portanto, fazer o relato do internauta, igual aos diários de bordo de viajantes em navios, só que desta feita, sua viagem foi no ciberespaço. Sabe o que significa essa palavra? Sim, então escreva para nós. Mas se você não sabe, faça uma nova viagem e busque o seu significado na Internet.

Quando encontrá-lo, insira-o no seu Diário On-line.

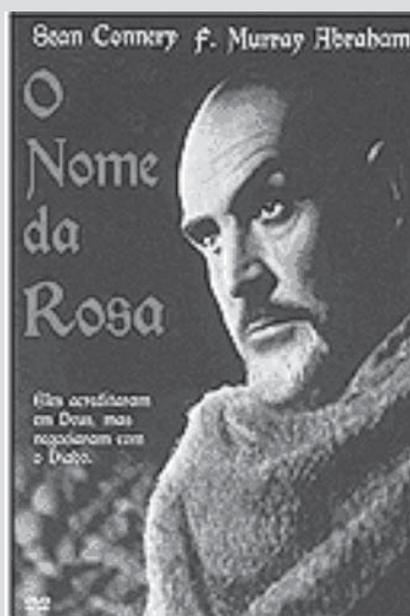
### QUEM É E O QUE FAZ O ALUNO EM EAD?

Você não receberá, como historicamente tem-se feito, o conhecimento pronto para ser arquivado em sua memória e depois lembrado na hora da prova. Nem terá o professor para repetir em tempo presente o conteúdo que não conseguiu assimilar. Você mobilizará novas formas criativas e interativas de aprendizagem.

Baseando-nos em Paulo Freire (1997), ao tratar das exigências de saberes para o exercício da prática em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, coube-nos lembrar de algumas de suas idéias, já que este curso destina-se à formação de professores. Assim como ensinar exige pesquisa, ao aluno de EAD essa atividade será fundamental. Quando Freire (1997, p.32) afirma que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, nós dizemos que em EAD não há aprendizagem sem pesquisa, pois só com ela o aluno busca, indaga-se, contesta, contrasta, questiona, reafirma, revê, cria e desenvolve-se como sujeito aprendiz.

Você já assistiu ao filme “O nome da rosa”? Ele foi baseado no romance homônimo de Umberto Eco. Tanto no romance quanto no filme, o papel dos copistas na Idade Média nos dá um bom indicativo do quanto essa atividade era importante, revestida de todo um ritual e representativa das relações de poder entre o que era escrito e podia (ou não) tornar-se público pelos antigos monges. Se não assistiu, não deixe de visitar uma vídeo-locadora para contemplar essa grande produção cinematográfica.

Ver crítica do filme em <http://criticanarede.com/>



Cartaz do filme O nome da rosa. (Fonte: <http://images.americanas.com.br/produtos/item/143/6/143640g.gif>).

Mas pesquisar não é copiar e colar. Isto é plágio. Os copistas foram muito importantes na Idade Média, mas hoje poderiam ser acusados de plagiadores. Trata-se de ler o que o outro escreveu, fazer suas intervenções, críticas e assimilações sem deixar de fazer referências às fontes de pesquisa. Tal prática exige ética, por isso, ainda citando Freire (1997, p.37), “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”.

Pesquisar na Internet ou nas bibliotecas, em arquivos e institutos de pesquisas não significa copiar do outro sem fazer referência à autoria. É preciso que você, aluno de EAD, desenvolva a capacidade de interpretar, criticar e elaborar sua própria versão do que leu.

Os cursos oferecidos pela EAD têm como perfil profissional a formação de um(a) professor(a) que desenvolva competências e habilidades não só em relação ao domínio do conteúdo da área que vai atuar, mas também em diferentes direções: conhecimento do papel desse profissional na sociedade, do papel social da escola, dos saberes pedagógicos que os leve a conhecer o aluno, os processos de aprendizagem, da organização do trabalho didático, entre outros. Esperamos que você leia o Projeto Pedagógico do seu curso para obter mais informações sobre este assunto.

Todo aprendizado exige uma reflexão sobre o conteúdo, interligando-o com sua função prática e/ou acadêmica. Estamos aprendendo isto para quê e por quê? Isto nos ajuda a estabelecer relações aproximativas com a realidade. Em algum momento na História, homens e mulheres sentiram necessidades ou foram impulsionados pela curiosidade, pelo estudo consequente e contínuo e por sua capacidade criativa para fazer descobertas, inventar coisas. Muitas dessas descobertas e invenções foram descartadas, viraram peças de museu ou ficaram no **ostracismo**, mas tantas outras passaram por processos de aperfeiçoamento, foram reinventadas e legadas ao nosso tempo. Pensar sobre o que aprendemos, porque aprendemos e como aprendemos é questão fundamental para todos, especialmente para o aluno de EAD que está se licenciando para ser professor.

Pois é, caro aluno, você está se formando para atuar como professor. Para pensar sobre os saberes que aprende como produto de um longo processo de produção científica, marcado com rupturas e mudanças. Isto implica dizer que esses saberes precisam e merecem ser socializados!

Ver glossário no final da Aula



Após ler o texto sobre o aluno EAD, gostaríamos que você escrevesse um relato sobre a história de sua aprendizagem escolar, assinalando pontos importantes de êxitos, dificuldades e nos enviasse este material, para, em seguida, comparar com o que expusemos a respeito da autonomia de aprendizagem exigida pelo curso em EAD.

Insira-o no seu Diário On-line.

### QUEM É O TUTOR E O PROFESSOR DE EAD?

Quando pensamos no tutor e no professor de EAD, certamente que o modelo de professor do ensino convencional não nos serve. O uso mais intensificado das TIC torna o ensino mais complexo e exige do professor o desenvolvimento de múltiplas competências tanto para atuar no ensino presencial quanto no a distância.

Porém, Belloni (1999) faz a diferença quando se trata dessa segunda modalidade de ensino.

Mas, o EAD exige uma segmentação de trabalho maior das funções de selecionar, organizar e transmitir o conhecimento, exercidas nas aulas magistrais no ensino presencial, corresponde em EAD à preparação e autoria das unidades curriculares (cursos) e de textos que constituem a base dos materiais pedagógicos realizados em diferentes suportes (livro-texto ou manual, programas de áudio, vídeo ou informática); a função de orientação e conselho do processo de aprendizagem passa a ser exercida não mais em contatos pessoais e coletivos da sala de aula ou atendimento individual, mas em atividades de tutoria a distância, em geral individualizada, mediatizada através de diversos meios acessíveis. (BELLONI, 1999, p.80)



Fonte: [http://www.masternewmedia.org/images/person-at-computer-collaboration-tools\\_id380635\\_size480.jpg](http://www.masternewmedia.org/images/person-at-computer-collaboration-tools_id380635_size480.jpg)

Os cursos de graduação a distância organizados pelo CESAD utilizaram esta mesma sistemática. Os professores dos diversos departamentos da UFS, responsáveis pelas disciplinas ofertadas, elaboraram o material que estará disponível no Ambiente Virtual de Aprendizagem e distribuído em forma de material impresso (livros) entre os alunos.

Os tutores foram submetidos a processo seletivo de provas e títulos para auxiliá-lo na compreensão dos conteúdos do material produzido pelos professores e no estabelecimento de contatos contínuos para a realização das atividades e superação de suas dificuldades. São formas de organização e funcionamento do seu curso que seguem, de um modo geral, um padrão mundial. Como a EAD amplia, em muito, o número de alunos atendidos, o processo de racionalização e segmentação do trabalho tornam-se necessários.

Macedo (1999) destacou a importância do entrosamento entre o professor que produz o material pedagógico e o tutor que orienta o pro-

cesso de aprendizagem. O fundamental é que estes profissionais estejam comprometidos em transformar informação em conhecimento, trabalhando numa perspectiva interdisciplinar. Isto implica não perder o chão de sua própria disciplina (domínio dos saberes de sua área de conhecimento), mas se permitir o contínuo diálogo e integração com outras disciplinas (áreas de saberes). Além disso, o diálogo entre os envolvidos neste processo é tão fundamental quanto no ensino presencial. Se não houver um diálogo face a face, deve havê-lo mediado pelo uso competente das tecnologias da comunicação e da informação, estimulando sempre o pensar reflexivo a respeito do quê, como e para quê se aprende o conteúdo estudado.

O tutor, em particular, orienta os alunos nos seus estudos, esclarecendo suas dúvidas e dando-lhes explicações a respeito dos conteúdos das disciplinas, participando também do processo de avaliação, normalmente já definida pelos professores que elaboraram o material da disciplina.

## TUTORIA DO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE: UM EXEMPLO

O Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, ofertado pela Universidade Virtual Pública do Brasil – UNIREDE em parceria com a Secretaria de Educação a Distância do MEC, foi o destinado à capacitação de professores das escolas públicas estaduais e municipais dos ensinos Fundamental e Médio nos usos dos audiovisuais, especialmente no enriquecimento das atividades de aprendizagem, bem como recurso auxiliar na gestão da escola e na articulação com a comunidade. Você já teve a oportunidade de estudar sobre isto no texto de apoio da Unidade II.



CNPJ N.º.  
13.031.547/0001-04

**Universidade Virtual do Brasil - UNIREDE**

**Curso: TV Escola e os Desafios de Hoje**

**Coordenação Geral: UFS**

**Coordenação Adjunta: SEED/SE**



Gostaríamos que acompanhasse o trabalho da tutoria desenvolvido nesse curso.

A sistematização do acompanhamento do curso ocorreu através dos plantões da tutoria, com a realização de encontros presenciais, formação de grupos de estudos, visitas dos coordenadores a escolas para acompanhamento dos cursistas, bem como através de correspondências, atendimento presencial, por telefone, fax e e-mail. Durante os plantões, as atividades mais freqüentes foram: atendimento dos cursistas pelo telefone e de forma

presencial quando alguns deles procuravam o tutor para tirar dúvidas sobre o conteúdo do módulo.

Cabe salientar que em todos os Módulos os cursistas procuraram a tutoria muito mais para discutir as condições de realização do curso, buscar informações a respeito de prazos e dificuldades de acesso aos vídeos do que para orientações de cunho pedagógico, seguindo a mesma dinâmica das turmas anteriores. A comunicação entre tutor e cursistas foi feita predominantemente a distância, através dos correios, seguida, em menor número, por telefone e fax e poucas por e-mail. As diretorias regionais, em sua maioria, não dispunham da linha 0800, prejudicando a busca de informações e de esclarecimentos pelos cursistas. Mesmo assim, a descentralização da tutoria favoreceu uma maior proximidade entre tutor e alunos.

Quanto às avaliações de desempenho dos nossos cursistas, queremos informar que não houve reprovações devido ao nosso sistema de atendimento. Todos participavam ativamente das horas de estudo e, à medida que concluíam alguma unidade, procuravam-nos para verificar se estavam atingindo os objetivos, por isso os conceitos variaram entre regular e ótimo. (A tutora da DEA-Aracaju).

Semanalmente, foram realizadas reuniões entre tutores e coordenadores (pedagógico e operacional) para estudo do material impresso, discussão de vídeos, encaminhamento e debate sobre as dificuldades encontradas no desenvolvimento do trabalho. As tutoras de Lagarto (SE) incentivaram bastante os cursistas em suas cartas-resposta: parabenizando-os pelo ótimo trabalho desenvolvido, pela coerência das respostas, demonstrando uma clara compreensão dos objetivos. Fizeram apreciações sobre o Memorial, em que os cursistas retratavam seu aprendizado e suas experiências, apondo suas dificuldades na realização das atividades frente à precariedade da escola pública.

Você tem o direito de discordar, porém, no vídeo game há uma linguagem que utiliza imagens e ícones e pode auxiliar no desenvolvimento da inteligência. Do mesmo modo, sem você saber, aprende a pensar melhor enquanto desenvolve a capacidade de escrever. Há jogos de má qualidade, sem dúvida, como também existe péssima literatura, cabe a nós fazermos uma seleção.



Fonte: <http://www.racketboy.com/images/sega360-2.jpg>

No geral, os tutores destacaram que o trabalho foi muito bom, sentiram-se orientados nas questões de ordem pedagógica e operacional, ressaltando sempre o quanto este tipo de trabalho tem possibilitado a reorientação do próprio programa TV Escola nas DREs. No entanto, a tutora da UFS destacou alguns pontos que dificultaram o seu trabalho:

- horário reduzido (8 horas) em relação ao volume de trabalho requisitado pelo curso;
- falta de pessoal de apoio para realização de atividades burocráticas (selar carta, redigir cartas, confeccionar tabelas de acompanhamento etc.);
- dificuldade de contato com os cursistas provocado pelo preenchimento equivocado da ficha de inscrição.
- dificuldade de uso do telefone (indisponibilidade de acesso externo), do computador e do kit com acesso à programação do TV Escola;
- cursistas desmotivados devido a problemas enfrentados na carreira de magistério;
- dificuldade de contato com as escolas e com a DRE 08.

É interessante ressaltar alguns apontamentos dos cursistas a respeito da importância que este curso teve para a mudança de sua prática pedagógica e, sobretudo, da dificuldade em realizar estas mudanças face às condições objetivas de trabalho na escola. Esta observação foi consistente em todas as turmas. As questões enunciadas pelos cursistas no Memorial foram: falta de condições objetivas na escola para o desenvolvimento de um bom trabalho, diretores autoritários, falta de interesse dos alunos pelas aulas, jovens sem perspectivas, falta de material audiovisual para o Ensino Médio, necessidade de organização de uma videoteca, falta de conserto do kit tecnológico etc. Questionaram também a necessidade de formação continuada dos professores para os usos das multimídias, bem como a distância entre a realidade do aluno e a apresentada no debate do vídeo.



Propomos a você entrevistar seu tutor e traçar um perfil dele.  
Insira a sua produção no seu **Diário on-line**.

### PROJETOS PEDAGÓGICOS E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA INTERNET?

#### Pedagogia de projetos e/ou projetos pedagógicos

Neste início de milênio, o trabalho educativo através de projetos tem sido ressaltado como uma grande inovação no processo de ensino e aprendizagem, no entanto, ele remonta ao final do século XIX e início do século XX, com a difusão da Escola Nova, especialmente com as idéias de **John Dewey** e W. Kilpatrick. O ideário escolanovista ruiu as bases do ensino intelectualista, verbalista e memorialístico, em que o professor era a peça chave no processo de ensino/aprendizagem. O aluno passou a ser o centro do processo educativo, aprendendo através da experiência.

Ver glossário no final da Aula

Nascia, assim, a compreensão de que a educação é “fenômeno vital, tão inelutável como a própria vida” (DEWEY, 1978, p.16). Cabia à escola, portanto, ensinar praticando, despertando na criança a intenção de aprender, mediante a experiência vital. Para que a escola assumisse essa nova função social, formando o homem prático, racional e útil, necessário se fazia desenvolver uma prática pedagógica através dos chamados métodos ativos. Esses métodos se baseiam na manifestação do corpo e do espírito. “Em suma, os métodos ativos são objetivos, não porém, antiintelectuais; são práticos, não antiteóricos; são realistas, não porém, antiidealistas; são vitais, não porém, antisociais” (LUZURIAGA, 1968, p.238).

Dentre os métodos ativos, destacaram-se os centros de Interesse de Ovide Decroly e o Método de Projetos de Kilpatrick. No Brasil, esses métodos começaram a ser difundidos a partir da década de 20 do século XX e, gradativamente, foram introduzidos nas reformas da Instrução Pública

Ovide Decroly (1871-1932) defendia que a criança aprende através do caráter global de captação da realidade, por isso o trabalho escolar deveria partir de suas necessidades: alimentar-se, respirar, limpar-se, lutar contra os perigos, de lazer etc. Assim, os centros de interesse (idéias-eixo) respondiam às necessidades fisiológicas, psicológicas e culturais da criança. O método era trabalhado em três etapas: observação, associação e expressão.

em diversos estados, inclusive em Sergipe, respondendo aos anseios liberais que se fortaleciam no contexto nacional.

Os chamados métodos ativos, pautados na idéia de atividade, remontam a **Rousseau, Pestalozzi** e Froebel, porém são sistematizados pelos idealizadores da Escola Nova e, na nova agenda educacional do final do século XX e início deste novo milênio, o paradigma educacional emergente pressupõe a superação das barreiras entre as disciplinas na incorporação de um sentido global (como queriam os escolanovistas) ou interdisciplinar, como querem os educadores atuais.

Ver glossário no final da Aula

O alemão Friedrich Froebel (1782-1852) foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação das pessoas - idéia hoje consagrada pela Psicologia, ciência da qual foi precursor. Froebel viveu em uma época de mudança de concepções sobre as crianças (leia na página 60) e esteve à frente desse processo na área pedagógica, como fundador dos jardins-de-infância, para menores de 8 anos. O nome reflete um princípio que Froebel compartilhava com outros pensadores de seu tempo: o de que a criança é como uma planta em sua fase de formação, que exige cuidados periódicos para que cresça de modo saudável. [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0190/aberto/mt\\_123078.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0190/aberto/mt_123078.shtml)

Um século se passou e muitas mudanças ocorreram em vários aspectos da vida social, especialmente por conta do crescente processo de globalização e internacionalização da economia e das tecnologias da comunicação e da informação, porém, persiste a idéia de que é preciso estabelecer relações mais coesas entre a escola e a realidade sócio-cultural, ressignificando as experiências escolares. Nesse novo contexto, a visibilidade dada à Pedagogia de Projeto ultrapassa o caráter técnico-metodológico do seu nascedouro, para se caracterizar como uma postura pedagógica cujo princípio educativo é a interdisciplinaridade.

A escola, como já afirmamos, é convocada a participar deste processo de formação, superando os velhos esquemas didáticos e disciplinares em favor de um currículo integrado, construído de “núcleos que ultrapassam os limites das disciplinas, centrados em temas, problemas, tópicos, instituições, períodos históricos, espaços geográficos, grupos humanos, idéias, etc” (SANTOMÉ, 1998, p.25).

A Pedagogia de Projetos traduz um conceito de educação que nos permite uma reflexão sobre a aprendizagem e o ensino, de modo que os alunos analisem “os problemas, as situações e os conhecimentos em sua globalidade, utilizando, para isso, os conhecimentos presentes nas disciplinas e sua experiência sócio-cultural” (LEITE, s/d:10). O que se pretende é uma prática pedagógica que gere necessidades de aprendizagens e, neste caso, as disciplinas são “instrumentos culturais” para ajudar os alunos a refletir sobre temas e resolver problemas.

Nestas circunstâncias, a Pedagogia de projetos permite, por meio da participação ativa do aluno, vivenciar as situações-problema, refletindo sobre elas e tomando atitudes diante dos fatos, formando conceitos e valores, competências básicas a serem construídas na escola básica” (PERRENOUD, 1999). Seria a formação de “cabeças bem-feitas” em vez de cabeças bem cheias, como salienta Morin (2000), pois o “cidadão do próximo século precisará ser um investigador e gerenciador de informações, consciente e ativo na sociedade, e não um acumulador de conhecimentos, cujo papel hoje é desempenhado pelo computador” (BARREIRA, 2000, p.07).

Neste sentido, a Pedagogia de Projetos se justifica em função da compreensão de que o aluno aprende vivenciando sentimentos, tomando atitudes, refletindo diante dos fatos e escolhendo estratégias para agir diante de situações problemáticas. O ensino deixou de ser privilégio exclusivo do professor, pois caminhamos para uma sociedade de aprendentes cujo motor do processo são as tecnologias da informação e da comunicação.

Hernandéz (1998) enfatiza que os projetos de trabalho correspondem a uma forma de organizar os conhecimentos escolares, em que se dá a compreensão dos problemas investigados. Isto implica assumir uma postura pedagógica que vê o processo educativo como uma prática cultural enraizada nas descobertas científicas e nos avanços das tecnologias da informação e da comunicação. Prática, esta, envolta em saberes e dizeres de diferentes grupos sociais que confrontam pontos de vista e trabalham de forma cooperativa, norteados por um tema-problema que precisam estudar/investigar/responder.

O cuidado que devemos ter ao trabalharmos nesta perspectiva é o de não reduzirmos as questões educacionais aos aspectos pedagógicos e psicológicos, assumindo a Pedagogia de projetos sem uma discussão mais ampla dos princípios educativos que queremos abraçar. Se não trabalharmos a construção do conhecimento na escola dentro de uma perspectiva histórico-cultural, estaremos reduzindo a educação, novamente, como fizeram os escolanovistas e os tecnicistas, a um conjunto de métodos e técnicas de adaptação do indivíduo à sociedade. Desse ponto de vista, estaremos assumindo os projetos de trabalho como uma técnica ou uma metodologia, sem incorporar, de fato, as contribuições da Ciência atual, transpondo disciplinas e vivenciando uma postura pedagógica interdisciplinar.

Por isso, na hora de organizar o trabalho pedagógico, é tão importante responder: Em que contexto sócio-cultural ocorre o ensino que realizamos? Será que este tipo de sociedade em que vivemos efetiva a prática docente considerada “ideal”? Se não, que tipo de sociedade gostaríamos de ajudar a construir? Que tipo de homem/mulher é necessário ser formado para atender às necessidades e aos interesses dessa sociedade considerada “ideal”? Em que acreditamos como educador? Essas e outras questões respondidas podem nos levar a operar mudanças significativas em sua ação

de professor, comprometendo-se com os interesses e necessidades dos seus alunos. Gostaríamos de ressaltar, ainda, que a tarefa de preparar um projeto pedagógico não é tão simples como nos parece, pois exige uma reflexão constante do nosso fazer pedagógico.

**POR QUÊ – PARA QUÊ** - Ao pensarmos na educação escolar, precisamos ter clareza dos nossos objetivos, da finalidade da prática educativa que desejamos desenvolver.

**O QUÊ** (conteúdos escolares) - Se considerarmos a educação como uma prática social e cultural, os conteúdos trabalhados em sala de aula devem estar vinculados aos interesses e necessidades do professor e de seus alunos. O importante é que a escolha dos temas/situações-problemas nasça do diálogo entre você e seus alunos. São assuntos que emergem do cotidiano, das alegrias e tristezas, dos conflitos, das experiências de trabalho, do lazer, do folclore, da religiosidade, da música, da poesia, da literatura etc. Enfim, eles devem partir de sua realidade e da de nossos alunos, motivando-os a investigar, refletir, pensar, ler e escrever a respeito do que estão estudando.

**COMO** - Quais são as atividades que iremos desenvolver?

Quando se trata de Pedagogia de projetos, pensamos em uma nova postura pedagógica que implica uma compreensão mais ampla do conhecimento, resignificando o espaço escolar para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, críticos e criativos, mediante situações problematizadoras que exigem ação-reflexão-ação na busca de respostas e soluções.

Há várias denominações para essa prática, com projetos na atualidade:

- como método, com etapas definidas, utilizada desde os anos 20 do Século XX e na atualidade, fazendo uso do computador tal qual um conjunto de conhecimentos pelos quais se chega ao saber, mas não se pode fixar, previamente, todos os detalhes do caminho a ser percorrido (PAIS, 2002).
- como postura pedagógica, uma mudança de pensar e repensar a escola, a prática pedagógica e os espaços escolares (AMARAL, 2000).
- como Projetos didáticos, entendidos tal qual uma metodologia, um método. Exigem a definição de etapas, formalmente organizadas e depende do interesse prévio dos alunos para a sua realização. (ARTEIRO, 1998).
- como pedagogia de projetos, ampliando conceito de projetos temáticos usados pela escola. Exige estudos mais aprofundados através de investigação e pesquisa, levantamento de hipótese, depuração e análise (NOGUEIRA, 2004).
- como projetos de trabalho, através de uma concepção de educação e de escola que permite a abertura para os conhecimentos e os problemas que vão além do currículo básico. “Para insistir em que não se trata de uma metodologia didática, e sim de uma maneira de entender o sentido da escolaridade baseada no ensino para a compreensão” (HERNÁNDEZ: 1998, p.86).

Optamos por chamar de projetos pedagógicos, tentando sintetizar aqui essas visões: como uma concepção de teoria e prática educativa, norteada pelos princípios da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade que possibilitam a (re)construção dos conhecimentos de forma criativa, crítica e global, próxima à idéia de Hernández (1998). Trata-se de uma visão de totalidade, em que o conhecimento é construído usando sensações, emoções, razão e intuição. E é nestes ambientes educativos que as tecnologias da informação e da comunicação assumem papel singular, como espaço de construção de novas agendas culturais e de novas estratégias de ensino e aprendizagem.



Antes de entrarmos nos projetos colaborativos pela internet, vamos mostrar alguns trabalhos feitos pelos alunos da graduação presencial e em cursos de capacitação de elaboração.

## EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM PROJETOS PEDAGÓGICOS

Estes exemplos foram frutos de elaboração de projetos coletivos na graduação da UFS, envolvendo alunos de diferentes licenciaturas, durante a realização da disciplina Introdução às Tecnologias Educacionais.

## IMPRESSOS: JORNAL, REVISTA

Publicação: Escola Estadual Olga Barreto; Escola Estadual Professora Maria Hermínia Caidas; Escolas Reunidas 08 de maio.  
Produção: Disciplina Fundamentos de Tecnologia Educacional  
Coordenação e Redação: Elizabeth Ingrid Luzinete Márcia Valdirene



Os jornais foram trabalhados em sala de aula, em seus diversos aspectos: título (síntese), linguagem, estrutura (abertura, reportagem, artigo, crônica, entrevista etc.). Em seguida, solicitamos aos alunos a construção do projeto gráfico (diagramação e paginação) (FARIA; ZANCHETTA, 2002) do seu jornal (ex. ao lado). Normalmente, o trabalho era produzido em uma determinada escola da Educação Básica, com base no estudo de jornais locais. Formavam-se os grupos para a elaboração das matérias e montava-se a “boneca” do jornal. A experiência era fotografada e colocada no próprio jornal que, depois de escaneado, passava pela sistematização através do computador.

Os alunos recebiam o jornal e trabalhávamos novamente os aspectos formais da linguagem jornalística, a(s) temática(s) presentes no jornal e o sentido da própria experiência para os alunos da escola e para os formandos.

Os alunos da graduação também fizeram uma experiência com a produção de uma fotonovela. Foram até uma escola, trabalharam um conto com os alunos de uma determinada série, depois produziram o roteiro de falas, o cenário e fotografaram as crianças. Em seguida, as imagens foram escaneadas e a fotonovela trabalhada no computador.



### RÁDIO



O rádio é um poderoso meio educativo, pois apesar de não vivermos mais na “era de ouro do rádio” (anos 1950), temos uma cumplicidade com ele: “Dirigir, ler, trabalhar (em casa, no escritório, nas lojas do shopping, no corte de cana, na lavoura...) tomar banho, correr na praia, descansar, enfim, quase todas as nossas atividades podem ser embaladas ao som desse bom e velho companheiro” (Silva, 2000, p.155). Os alunos também produziram programas de rádio versando sobre temas transversais, preconizados nos PCNs, ligados a questões sexuais e ambientais.

Todo o processo de criação era dos alunos: definição do tema, pesquisa sobre este meio de comunicação, elaboração do roteiro, criação de vinheta e, com a ajuda de um técnico de laboratório de rádio, o programa era editado, contando com o apoio do Centro Audiovisual da UFS (CEAV). Em seguida, os licenciandos iam até uma escola, executavam o programa, discutiam o conteúdo do programa com as crianças e avaliavam a sua produção.

### TV, VÍDEO

Um dos aspectos importantes da Educação é a leitura de imagem, especialmente da televisão como meio de comunicação de massa e que hoje já está integrada à informática.



Trata-se, portanto, da leitura de imagens gráficas, sonoras, audiovisuais e da aprendizagem dos elementos que a compõem. Essa leitura é mapeada pelas experiências, pela memória e pelo marco cultural e contextual do indivíduo, variando, portanto, de sociedade para sociedade. Nesse caso a imagem recria a realidade e deve servir de instrumento para o pensamento e para a reflexão (Marino; Matilla, 1989.)

A importância de se trabalhar com a TV na formação de professores tem sido objeto de vários programas do MEC desde a década de 1960, quando o sistema televisivo chegou ao Brasil, como vimos na Unidade II. Entre 2003 e 20004, houve um curso de capacitação de professores a distância: “TV Escola e

os desafios de Hoje”, que procurou atender um grande número de professores em serviço.

Até agora se tem falado apenas da imagem que inunda o mundo e que nos leva a uma pedagogia do consumo repetido de imagens. É preciso ampliar e aprofundar a reflexão sobre a questão da produção individual (ou em pequenos grupos) da imagem, quer como produção amadora ou profissional. Esse talvez seja um ponto de virada na questão da pedagogia da imagem: passar da condição de consumidor para a de criador (TV Escola: 2000.24).

Os alunos eram convidados não só a elaborar projetos pedagógicos de uso de programas de TV ou de Vídeo na sala-de aula, mas a produzi-los também. Alguns desses projetos foram publicados em (SOUSA, 2004).

Sabemos o quanto é importante para o professor o domínio da linguagem da TV e os modos de compreendê-la, já que estamos submetidos, constantemente, a imagens, sendo educados ou deseducados por elas. A TV fala aos sentimentos, mexendo com os nossos instintos, nossas fantasias e desejos. Seu poder de sedução é muito grande, ao combinar múltiplas formas de linguagens como imagens, falas, músicas, escritas, numa narrativa que flui e cujas mensagens subliminares captamos de forma não consciente. Cabe, pois, ao professor, no uso da TV Escola, ser o mediador entre as mensagens da TV e a sua recepção/interpretação pelos alunos, exigindo o conhecimento de ambos: a TV e os seus destinatários.

Assim, aprofundar e explorar a compreensão dos programas de TV, numa espécie de releitura criativa e seletiva, entendendo os gêneros televisivos com suas características e conteúdos aproximativos que se organizam em:

- formas fundamentais de diálogo: entrevistas, debates, mesas-redondas;
- telenovelas (novelas, minisséries, seriado, caso etc);
- telejornal;
- transmissão ao vivo (programas de auditório);
- Vídeo-clip (fusão de som e imagem).

É possível aprender através de programas de TV que não são produzidos para educar, unindo-se entretenimento e aprendizado, mas percebendo que não recebemos as mensagens passivamente, e sim as elaboramos conforme nossa visão de mundo e nossos interesses.



A produção de vídeo foi uma experiência largamente utilizada na elaboração de projetos pedagógicos. Abordaremos, a seguir, dois vídeos. O primeiro, “A dualidade da luz”, produzido pelo aluno Tiago Neres, que à época era licenciando em Física; e o segundo, “Mussuca: resgate de uma cultura afro-brasileira”, dos então licenciandos em Pedagogia: Claudinês Barbosa Lima, Débora Lima Menezes, Euéliton de Melo Santos, Maracy Pereira Maruá e José F. dos Santos.

Eles seguiram passos similares aos anteriores: definiram o tema, pesquisaram, elaboraram o projeto, acrescentando o roteiro de vídeo, coleta de imagens, seleção e editoração, muitos deles com o apoio do CEAV.



## ROTEIRO

Apresentador- introdução (50”)

O Brasil, durante vários séculos, recebeu milhares de negros, trazidos a força de sua África natal. Aqui chegando, eram submetidos às piores humilhações impostas pelo regime escravagista.

A dor e o sofrimento suscitaram-lhes o desejo de liberdade, levando-os a desenvolver múltiplas formas de resistência. Na luta pela liberdade,

formaram os quilombos, primeiros territórios livres da América que tinham governo autônomo, onde era possível desenvolver seus costumes e crenças.

O povoado Mussuca, localizado no município de Laranjeiras, é um exemplo típico de comunidade remanescente de quilombos. Com 2.050 moradores, sendo quase 100% deles afrodescendentes. Desses, todos têm parentesco com negros escravos.

Comentário da presidente da Associação de Desenvolvimento Comunitário do povoado Mussuca sobre a formação e a origem desse povoado. (1 minuto)

Apresentador – faz um comentário sobre os elementos culturais mais evidentes. (20”)

“Os moradores do povoado se orgulham de sua cor e tentam preservar sua cultura. Hoje, os elementos culturais mais evidentes são os grupos de São Gonçalo do Amarante, Samba de Pareia e Samba de Coco, tendo em comum a religiosidade, principalmente nas letras das canções”.

Primeiro a imagem do apresentador, depois a sua voz com imagens de fundo sobre quilombos (recortes de um filme, figura de revistas ou fotos), imagens do município e música que lembre a cultura africana.

Imagem da pessoa que está fazendo o comentário.

Imagens dos três grupos folclóricos.

Comentário da primeira dança. (1’,10”)

A dança de São Gonçalo é uma manifestação folclórica de origem portuguesa que no Brasil está ligada às tradições católicas rurais, com o seu aparecimento datado de 1718. São Gonçalo assumiu em vida a missão de converter prostitutas. Para tal tarefa, costumava tocar viola e dançar.

A dança existe com o objetivo de pagar promessa a São Gonçalo do Amarante, embora, também seja executada na procissão do Dia dos Reis e em festividades ligadas ao folclore. Essa dança é realizada para pagamento de promessa de defuntos que morrem sem ter cumprido suas obrigações com o santo. Além da dança, existe todo um ritual que compreende ensaios, almoço e cortejo. Deste fazem parte os dançadores, os tocadores, o patrão, que é o chefe, e a mariposa, a mulher que carrega um pequeno barco com a imagem do santo.

O pagamento de promessa estende-se por todo o dia. Dançam na

capela, no cemitério e na casa do promesseiro, realizando todo o ritual que liga o mundo dos vivos ao mundo sobrenatural.

Comentário de um componente do grupo que se apresentou. (30'')

Comentário da segunda dança (15'')

O grupo do Samba de Pareia é formado por oito mulheres que, como o próprio nome sugere, dançam aos pares. O grupo se apresenta 15 dias após o nascimento de uma criança, quando há a meladinha. Enquanto os componentes do grupo dançam, as pessoas bebem cachaça para festejar a vinda do recém-nascido.

Imagens da apresentação do grupo com a voz do narrador.

Imagens da apresentação do grupo sem a voz do narrador. (1'30'').

Imagens da pessoa que está fazendo o comentário.

Imagens da apresentação do grupo com a voz do narrador.

Imagens da apresentação do grupo sem a voz do narrador. (1'30'')

Comentário de um componente do grupo que se apresentou. (30'')

Comentário da terceira dança (40'')

O Samba de Coco é canto e dança de origem africana, intimamente ligados à formação dos quilombos, mas com alguma influência indígena. As palmas, e principalmente os sapateados, são seus pontos fortes. Na época da escravidão, os negros costumavam cantar para passar o tempo enquanto executavam o ritual da quebra de coco, dele retirando a “coconha” (amêndoa), para o preparo dos alimentos.

O tirador de coco, também chamado de coqueiro, é quem tira os versos, que são respondidos pelo coro geral dos participantes. Os versos podem ser tradicionais ou improvisados e aparecem nas mais variadas formas, como: quadras, sextilhas décimas e outras mais. O canto é marcado por instrumentos de percussão, como: cuícas, pandeiros, ganzas, bombos, tambores, chocalhos, maracás e zabunbas que acompanham a sanfona.

Conclusão – (20'')

Laranjeiras é o referencial da identidade do negro em Sergipe, pois foi

nesse município que se construiu a história de seus ancestrais. Mussuca é uma comunidade negra tradicional e uma das principais para a construção da memória da população negra no Estado. É um exemplo da descendência negra que ainda preserva a sobrevivência de sua cultura.

Duração: aproximadamente (10”).

Imagens da pessoa que está fazendo o comentário.

Imagens da apresentação do grupo com a voz do narrador.

Imagens da apresentação do grupo sem a voz do narrador. (1’30”).

Imagens do narrador, imagens dos três grupos folclóricos, do povoado e apresentação dos créditos com fundo musical.

## MULTIMÍDIAS/ SITE

Semelhante ao trabalho desenvolvido pelos profissionais da TV e vídeo, os alunos que trabalharam com multimídias também tiveram a sua produção. Eles definiram um tema elaboram um projeto e traçaram o desenho dos sites (design), com os seus respectivos links, puseram o material no ar e trabalham-no em uma escola que dispunha de laboratório de informática. Foram também construídas páginas (sites) sobre temas pesquisados (já fora do ar), e multídia, a exemplo do Rio São Francisco.

Esses exemplos apresentados nos dão o indicativo das diferentes possibilidades de construção de um projeto pedagógico em sala de aula, mas, certamente há ricas experiências de outros projetos colaborativos realizados em rede. Esse é o grande desafio. Esperamos que você e seu grupo de trabalho cheguem apenas à etapa de preparação e elaboração do projeto, sem a obrigatoriedade de executá-lo.

Como você pôde observar, o estudo a distância exige-lhe independência, autonomia e criatividade no processo de construção de conhecimento. Mas, além disso, é importante falar com o outro (alunos, professores e tutores), trocar idéias, não é preciso ser um estudo solitário. Pois depois de várias formas de diálogos e debates sobre temas específicos com seus colegas e tutores certamente você eliminará suas dúvidas e buscará novas formas de estudo e de pesquisa.



Seu desafio é fazer a primeira etapa de produção de um projeto a distância, com o apoio da tutoria e dos próprios colegas. Temos certeza de que farão um bom trabalho.

Observe o trabalho de multimídia dos alunos de graduação, intitulado “Velho Chico”. (ver endereço eletrônico site)



Vamos ajudá-lo a pensar na construção de um projeto coletivo!

### ESCOLHA DO TEMA-PROBLEMA

Hernandéz (1998) nos diz que é preciso escolher um tema-problema que facilite a análise, a interpretação e a crítica. Esse tema-problema pode ser sugerido pelo professor/tutor ou pelo aluno. Como estamos trabalhando com muitos alunos, sugerimos que este surja dos temas transversais preconizados pela Lei de Diretrizes e Base da Educação: ética, saúde, trabalho e consumo e educação sexual.

Cada um destes temas será constituído em um Fórum de debate, para que os alunos possam adentrar no diálogo sobre temas transversais, pedagogia de projetos etc. Cada aluno escolherá um desses temas, que serão organizados em Fóruns de debate. Assim, a princípio, teríamos cinco fóruns em que os alunos iram levantar subtemas, reagrupando-se em outros grupos, conforme os temas transversais relacionados.

Por exemplo, suponhamos que 20 alunos queiram trabalhar com o tema Meio Ambiente. No Fórum, levantam várias questões, como: o “aquecimento da Terra e o impacto no meio ambiente”, “a poluição dos rios e a vida nas regiões ribeirinhas”, “a transposição do rio São Francisco e as conseqüências para o sertão sergipano” etc. Certamente que cada um desses temas poderá agrupar um número menor de alunos para realizar a atividade. O desafio é que se juntem alunos de diferentes cursos para pensar o tema e assim podermos trabalhar o projeto em sua natureza interdisciplinar.

### DEBATE SOBRE O TEMA ESCOLHIDO: ELABORAR UMA JUSTIFICATIVA

Escolhido o tema-problema, os membros do grupo dialogam a respeito da construção de uma justificativa que explicita o porquê, o para quê e para quem esse teste-projeto-temático será destinado (desenvolvido). Suponhamos que a escolha do nosso exemplo foi sobre a transposição do rio São Fran-

cisco. O grupo explicará, através de um texto escrito, a relevância de estudar este tema no contexto atual, com o propósito de levantar possibilidades de reflexões e ações entre os alunos de determinada série ou faixa etária com os quais o projeto será desenvolvido. Além disto, deverá explicitar o tipo de mídia a ser planejada pelo grupo para o desenvolvimento do projeto.

## ELABORAR OBJETIVOS

Em seguida, já tendo escrito a justificativa, os alunos deverão pensar em um objetivo geral (tipo guarda-chuva) a ser atingido no desenvolvimento do tema e outros objetivos específicos que dêem conta das diferentes áreas de saberes a serem trabalhadas em relação à referida questão.

Gostaríamos que você elaborasse um projeto de produção de uma mídia ou multimídia, visando aos alunos da Escola Básica (ensinos fundamental e médio). Assim, poderia pensar um projeto de elaboração de um jornal, boletim, programa de rádio, vídeo, multimídia, site, entre outros, utilizando o tema debatido, preferencialmente da área em que você irá se graduar (História, Física, Geografia, Matemática, Letras Português), mas sem perder de vista a possibilidade de se trabalhar na perspectiva interdisciplinar, com alunos dos diferentes cursos.

## METODOLOGIA

Decidido o que será feito, você deverá escrever os passos ou etapas para alcançar o objetivo proposto, bem como sua utilização em sala de aula.

## AVALIAÇÃO

Apontar a forma como o grupo avaliou esse trabalho construído coletivamente e inserir no Diário On-line suas impressões e o projeto construído.

## ENCERRANDO NOSSA CONVERSA...

Nesta etapa, encerramos nossos estudos, esperando que você tenha aproveitado os conteúdos apresentados nesta aula e trabalhado em todas as atividades propostas. Ainda gostaríamos que incluísse em seu Diário On-line não só uma avaliação sobre o seu desempenho nesta disciplina, mas também apontasse os pontos positivos e negativos a respeito do material que produzimos. Sua opinião é muito importante para melhorarmos a qualidade do impresso e das aulas virtuais.

Um abraço  
Neide e Flora.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Lúcia. Um olhar sobre os projetos de trabalho. **Salto para o futuro; um olhar sobre a escola**. Secretaria de Educação a distância. Brasília: Ministério da Educação, SEEd, 2000.
- ARTEIRO, Ana Lucia. Projetos didáticos. **I Encontro norte/nordeste de educadores (resumos)**. Centro de convenções de Pernambuco, 20 a 21 de novembro de 1998.
- BARREIRA, Karla Vignoli Véigas. 2000Projetos de Trabalho. Um novo caminho por um mundo novo. **Linha Direta em Revista**. Minas Gerais:Publicação Mensal do SINEPE, Ano 2.
- BELLONI, Maira Luiza. **Educação a distância**. São Paulo. Autores Associados, 1999.
- BOMFIM, Jaqueline Oliveira; SILVA, Maria Neide Sobral da. O impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação: um estudo nas séries iniciais do Ensino Fundamental. In: **Caderno de Educação**, v. V, Fascículo 3, São Cristóvão: Editora UFS, 2003.
- DEWEY, John. **Vida e Educação: John Dewey**. Tradução e estudo preliminar por Anísio Teixeira. 10ª Edição. São Paulo: Melhoramentos: [Rio de Janeiro}: Fundação Nacional do Material Escolar, 1978.
- FERREIRO, Emília; TEBEOSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Leichtenstein, Liana di Marco e Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1997.
- FARIA, Maria Alice & ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal escolar**. SP: Editora Contexto, 2002.
- GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. IN: FERREIRA, Valfredo de Sousa (org.) IN: **Educação: novos caminhos em um novo milênio**. João Pessoa: Autores Associados, 2001.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: Os projetos de Trabalho**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- LEITE, Lúcia Helena A. A Pedagogia de Projetos em questão. **Reflexões sobre a prática pedagógica na escola plural**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, s/d.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 6.ed. SP: Editoras 34, 1978.
- \_\_\_\_\_. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. 8 ed. São Paulo: Editora 34, 2007.
- LUZURIARA, Lorenzo. 1968. **Pedagogia**. Tradução e Notas Lólio Lourenço de Oliveira e J.B. Damasceno. 5ª Edição. São Paulo: companhia Editora Nacional.

- MARINO, Roberto Aparici e MATILLA, Augustín García. **Lectura de Imagens**, 2ª Edição. Madrid:Ediciones de La Torre, 1989.
- MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EUFAL, 1999.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papirus, 1997.
- MORIN, Edgar. 2000. **A Cabeça Bem-Feita: repensar e reformar, reformar o pensamento**. Tradução Elóia Jacobina. RJ; Bertrand Brasil.
- NEDER, Maria Lúcia Cavalli. A educação a distância e a formação de professores: Possibilidades de mudança paradigmática. In:PRETI, Oreste (org.). **Educação a Distância: sobre discursos e práticas**. Brasília: Líder Livro Editora, 2005.
- SILVA, Maria Neide Sobral da. **Fundamentos da prática pedagógica em EAD**. Aracaju-SE, 2007.
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia de projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das Múltiplas Inteligências**, 3. ed. São Paulo: Editora Érica, 2004.
- OLIVEIRA, Renato da Silva. **Minidicionário compacto de informática**. 2. ed. São Paulo: RIDEEL, 1999.
- PAIS, Luiz Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da informática**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.
- PAPERT, S. **Do caos à inteligência artificial**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1984.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. 1998. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- SILVA, Maria Neide Sobral da. Formação do professor: Pedagogia de Projetos e as Tecnologias da Informação e da Comunicação. In: **Revista Práxis**. n. 3. Vitória da Conquista: Edições Uesb, nov. 2007.
- SILVA, Maria Neide Sobral da. Educação a distância no contexto atual: notas para uma reflexão. In: **Revista Candeeiro**. Ano 2, vol. 3. São Cristóvão: ADUFS-SSIND, out. 1999.
- SILVA, Ynary Joana da. Meios de comunicação e educação. O rádio, um poderoso aliado. In: CITTELLI, Adilson (coord.). **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos e informática**. SP: Editora Cortez, 2000.
- SOUSA, Rita Barbosa (Org.). Encontro Pedagógico: “A qualidade de vida do educador”. Anais. Universidade Federal de Sergipe/Secretaria Estadual da Educação e Cultura. Aracaju: UFS/SEED, 2004.
- TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE; CURSO DE EXTENSÃO PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

DA REDE PÚBLICA UNIREDE E SEED/MEC. Coordenação de Leda Maria Rangel Fiorentini e Vânia Lúcia Quintão Carneiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

VALENTE, José Armando. O uso inteligente do computador na Educação. NIED - Universidade de Campinas. Disponível em: < <http://www.proinfo.gov.br> > Acesso em 24 de jan. de 2002.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Oliveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

### GLÓSSARIO

**Instrução programada** : Skinner (1904-1990) inventou uma máquina de ensinar para ajudar as crianças a superarem suas dificuldades de aprendizagem. A idéia foi aplicada à Educação com a chamada Instrução Programada:

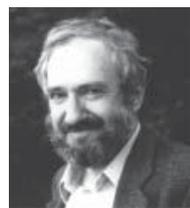
- apresentação do conteúdo em seqüências curtas, em perguntas simples;
- o aluno responde uma pergunta de cada vez, verificando, de imediato se errou ou acertou;
- Pense e pesquise...



**Piaget** : Jean Piaget (1896, em Neuchâtel, 1980 em Genebra - Suíça) foi um renomado psicólogo e filósofo suíço, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Conheça mais a respeito de Piaget acessando o site [www.psicopedagogia.com.br/biografia\\_jean\\_piaget.htm](http://www.psicopedagogia.com.br/biografia_jean_piaget.htm).



**Lev S. Vygotsky** : Nascido em 1896, morou e viveu na Rússia, foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa ao insistir que as funções psicológicas são um produto de atividade cerebral. Saiba mais sobre esse psicólogo acessando o site [www.psicopedagogia.com.br/personalidades/personalidades/vygotsky.shtml](http://www.psicopedagogia.com.br/personalidades/personalidades/vygotsky.shtml)



**Papert** : Seymour Papert é matemático e é considerado um dos pais do campo da Inteligência Artificial. Além disso, ele é internacionalmente reconhecido como um dos principais pensadores sobre as formas pelas quais

a tecnologia pode modificar a aprendizagem.  
[www.din.uem.br/ia/a\\_correl/iaedu/biografia.htm](http://www.din.uem.br/ia/a_correl/iaedu/biografia.htm).



**Para pensar...** : Hoje, usa-se indiscriminadamente o termo interatividade como se fosse a mesma coisa de interação.  
 Você percebeu a diferença?

**Ostracismo** : Substantivo masculino

1 Rubrica: história.

Na antiga Grécia, desterro político, que não importava ignomínia, desonra nem confiscação de bens, a que se condenava, por período de dez anos, o cidadão ateniense que, por sua grande influência nos negócios públicos e por seu distinto merecimento ou serviços, se receava que quisesse atentar contra a liberdade pública.

2 Derivação: por extensão de sentido.

Exclusão de cargo público ou político

3 Derivação: sentido figurado.

Ato ou efeito de repelir; afastamento, repulsa.

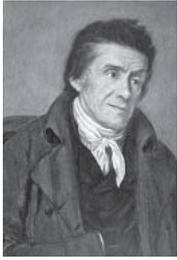
**Hipertexto** : Recurso muito usado em apresentações de multimídia para tornar a leitura de textos interativa. Neles palavras ou símbolos estão interligados com outros textos. Quando aparecem na tela do monitor, essas palavras ou símbolos são diferenciados através da cor, tipo de letra, sublinhado ou outro recurso visual. (Oliveira, 1999, p.139)

**Multimídia** : é o termo usado para caracterizar sistemas informáticos que se utilizam de sons e imagens e que permitem grande interatividade com o usuário. (OLIVEIRA, 1999, p. 211).

**Hipermídia**: Recurso presente em apresentações de multimídia e que permite ao usuário acessar rapidamente várias informações encadeadas entre si clicando com o mouse sobre determinadas regiões da tela. (Oliveira, 1999, p.139)



**John Dewey** : (1859-1952) nasceu em Burlington, no Estado norte-americano de Vermont. A filosofia deweyana remete a uma prática docente baseada na liberdade do aluno para elaborar as próprias certezas, os próprios conhecimentos, as próprias regras morais. Quer saber mais acesse o site [http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/159\\_fev03/html/pensadores](http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/159_fev03/html/pensadores).



**Pestalozzi :** Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em 1746 em Zurique, na Suíça.

Ao contrário de Rousseau, cuja teoria é idealizada, Pestalozzi, segundo a educadora Dora Incontri, “experimentava sua teoria e tirava a teoria da prática”, nas várias escolas que criou. Pestalozzi aplicou em classe seu princípio da educação integral — isto é, não

limitada à absorção de informações. Quer saber mais, acesse o site [http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/171\\_abr04/html/pensadores](http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/171_abr04/html/pensadores)